

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

SOB(RE) O TEXTO :
O MOVIMENTO NA ESCRITA

Luciana Freire Ernesto Coelho Pereira de Sousa
Orientadora: Profa. Dra. Sonia Xavier de Almeida Borges

Goiânia
2001

LUCIANA FREIRE ERNESTO COELHO PEREIRA DE SOUSA

SOB(RE) O TEXTO :
O MOVIMENTO NA ESCRITA

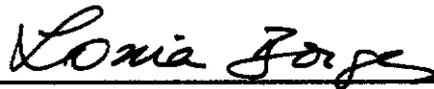
Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Educação Brasileira da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de Mestre em Educação Brasileira
Orientadora: Profa. Dra. Sonia Xavier de Almeida Borges

Goiânia
2001

LUCIANA FREIRE ERNESTO COELHO P. DE SOUSA

SOB(RE) O TEXTO: O MOVIMENTO NA ESCRITA

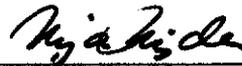
Dissertação defendida e aprovada em 10 de dezembro de 2001, pela
Banca Examinadora constituída pelos professores.



Profª Drª Sônia Xavier de Almeida Borges
Presidente da Banca



Profª Drª Maria Francisca Lier-De Vitto



Profª Drª Marília Gouvêa de Miranda

A meus queridos Clayton, Rafaela, Camilla e Larissa, razões do meu viver, a meus pais, Maurício e Eneida, meus amigos e exemplos de vida, e a minhas avós, Malvina e Elzira, mestras de minha vida.

AGRADECIMENTOS

À professora e orientadora desta dissertação, Sonia Xavier de Almeida Borges, pela dedicação, confiança e seriedade na condução deste trabalho.

À professora Luciene e toda a equipe do Centro de Internação de Adolescentes, pela credibilidade.

Aos adolescentes e jovens do Centro de Internação, por tornarem este trabalho possível.

A minha família que torceu pela concretização deste trabalho.

Aos amigos do Grupo de Pesquisa da Linguagem da Faculdade de Educação – Maria Alice, Giovani, Soninha, Dayse e Elisabete, pelas trocas e contribuições.

Aos amigos da área de Didática da Faculdade de Educação pelo estímulo.

Às professoras Marília Gouvea e Anita Rezende, por terem acreditado em mim e pela oportunidade que me deram de adentrar o mundo da pesquisa.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação e a todos os seus professores, por oferecerem condições para a realização deste trabalho.

À profa. Darcy Costa, pelas correções e orientações preciosas.

Vamos achar o diamante para repartir com todos.
Mesmo com quem não quis vir ajudar, falto de sonho.
Com quem preferiu ficar sozinho bordando de ouro o seu umbigo engelhado.
Mesmo com quem se fez cego ou se encolheu na vergonha de aparecer
procurando.
Com quem foi indiferente e zombou das nossa mãos infatigadas na busca.
Mas também com quem tem medo do diamante e seu poder, e até com quem
desconfia que ele exista mesmo.

Thiago de Mello

RESUMO

Este trabalho apresenta uma reflexão sobre os movimentos que ocorrem nas produções textuais de adolescentes e jovens. Considera-se que a produção de textos dá-se como efeito do movimento da linguagem sobre a linguagem. Neste caso, realizou-se um estudo das noções de representação e estrutura, passando pela Filosofia e pela Psicologia, ancorando as discussões nas teorizações de Lacan e Derrida. Formula-se, neste estudo, a hipótese de que a língua tem um funcionamento próprio, que captura o sujeito, revelando o estatuto linguístico-discursivo, que obedece a determinações também inconscientes, e no qual os adolescentes e jovens produtores dos textos analisados estão inseridos. A análise realizada assinala a implicação do sujeito intervalar no funcionamento da linguagem e o movimento dos significantes, latentes e manifestos, constitutivos dos textos dos adolescentes e jovens.

RÉSUMÉ

Ce travail présente une réflexion sur les mouvements qui arrivent dans les productions textuelles des adolescents et des jeunes. On considère que la production des textes résulte de l'effet du mouvement du langage sur le langage lui-même. Dans ce travail, on a fait une étude des notions de représentation et structure, en passant par la Philosophie et par la Psychologie, en ancrant les discussions dans les théories de Lacan et Derrida. Dans cette étude, on formule l'hypothèse du fonctionnement propre de la langue. Ce fonctionnement capture le sujet en révélant le statut linguistique-discursif, qui obéit aux déterminations, inconscientes elles-aussi, dans lequel les adolescents et les jeunes producteurs des textes analysés sont insérés. L'analyse réalisée signale l'implication du sujet qui se situe dans l' "intervalle" dans le fonctionnement du langage et le mouvement des signifiants, latentes et manifestes, constitutifs des textes des adolescents et des jeunes.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	02
CAPÍTULO 1. O TEXTO ESCRITO: UMA QUESTÃO DE REPRESENTAÇÃO?.....	16
1.1. Onde estamos com a questão da representação?	16
1.2. Da representação a estrutura: um percurso pelo caminho estruturalista.....	25
1.3. O jogo do dentro e fora: o estruturalismo na Psicanálise francesa.....	68
CAPÍTULO 2. NA TRILHA DO INTERACIONISMO DIALÓGICO	93
2.1 Psicologia, aquisição de escrita e estrutura.....	93
2.2 Interacionismo dialógico: pegadas no caminho	107
CAPÍTULO 3. SOBRE A PRODUÇÃO DE TEXTOS: ALGUMAS QUESTÕES	132
3.1. O texto, o significado e a comunicação: onde está o sujeito escrevente?	132
3.2. A outra face da escrita: a estrutura, o sujeito e o significante.. ..	143
CONSIDERAÇÕES FINAIS	151
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	156

INTRODUÇÃO

Uma cultura é fundamentalmente um fluxo discursivo, quer dizer, tudo o que foi se articulando discursivamente, oralmente ou por escrito, no quadro dessa cultura. Imaginem que seja uma espécie de rio de palavras que vai andando e, no meio deste rio, a gente fala e pede carona. De repente, o que a gente diz só encontra significação no que vai ser dito ou no que foi dito antes. Uma cultura é isto, um enorme fluxo de produção discursiva.

Contardo Calligaris

Nesta dissertação fazemos uma reflexão sobre o processo de aquisição da escrita de um grupo de adolescentes e jovens, tomando como objeto (subject) de estudo alguns de seus textos.

Os sujeitos produtores desses textos são menores infratores que se encontram internados no centro de Internação de Adolescentes – CIA do 1^o Batalhão da Polícia Militar de Goiânia – Go, em situação de privação de liberdade.

No interior do Centro de Internação, funciona em uma sala (cela) de aula uma turma do Projeto AJA, que foi criado pela Secretaria Municipal de Goiânia, em parceria com a Faculdade de Educação da Universidade federal de Goiás (UFG), e que visa o trabalho de educação de adolescentes, jovens e adultos com base em uma proposta alternativa de alfabetização, além de uma turma de supletivo de 5^a à 8^a série.

Os produtores dos textos, que tomamos para análise neste trabalho, vivem parte de suas vidas dividindo o tempo entre horas de trabalho, estudo e banhos de sol. São jovens e adolescentes que, como muitos outros, chegaram a essa fase da vida sem serem reconhecidos como leitores e escritores.

O desenvolvimento desta pesquisa de campo deu-se, portanto, em uma sala de aula no interior do Centro de Internação, no qual desenvolvemos um trabalho com a escrita dos adolescentes com base em temas de seu interesse, que surgiram em momentos de diálogo com todos os envolvidos no processo. Os adolescentes liam e escreviam todos os dias, durante o período de aula, para o que lhes era oferecido uma variedade de materiais a respeito do tema que escolheram para trabalhar, tais como: reportagens de jornais e revistas, livros, textos avulsos, letras de músicas, propagandas, cartazes, *folders*, filmes, dentre outros. Após a leitura dos textos os adolescentes eram convidados a escrever.

Todo o material produzido pelos adolescentes foi recolhido por nós, e , após a leitura de suas produções, fomos estabelecendo o percurso deste trabalho guiados inicialmente pelas seguintes questões: o que está em jogo no processo de aquisição da escrita ? Que movimento é esse realizado na escrita desses textos ?

O processo de aquisição da escrita é muito discutido, e as teorias encontram na Psicologia Cognitivista as bases epistemológicas que, predominantemente, informam e refletem sobre as práticas pedagógicas dos professores. O tratamento dado a esse processo fundamenta-se na descrição dos processos cognitivos supostamente responsáveis pela aquisição da escrita e não em concepções do campo da Lingüística, como discutiremos ao longo do presente texto.

É importante observar que, por meio da Psicologia Cognitivista, que esse processo, que diz respeito diretamente à linguagem, seja discutido. Ou seja, trata-se a questão da aquisição da escrita pela via psicológica da representação.

Ainda que os estudos sobre a aquisição da escrita, nos últimos anos, venham contribuindo de forma significativa para uma melhoria das práticas de sala de aula, há um campo vasto e pouco explorado, do ponto de vista teórico e sobretudo da prática no que diz respeito ao processo de aquisição da escrita por adolescentes e jovens. Esta dissertação aponta a necessidade de se

teorizar sobre esse processo, pois aprender a ler e a escrever possibilita aos alunos falarem, terem voz, estarem inscritos em um universo lingüístico-discursivo.

A idéia de dar voz aos sujeitos foi muito discutida pelo educador Paulo Freire ao longo de suas obras em suas críticas contundentes às versões dominantes no campo da alfabetização, as quais, segundo ele, reduziam os processos de aquisição de leitura e de escrita a técnicas mecânicas, alienantes e a práticas sociais reificadas.

Recorremos às idéias de Paulo Freire por concordarmos com sua visão de homem como o animal da linguagem (*animal symbolicum*), uma vez que as discussões propostas neste trabalho têm essa noção como pano de fundo, ou seja, trabalhamos a idéia de que a linguagem não é exterior, mas constitutiva do sujeito.

Os textos escritos pelos adolescentes e jovens do Centro de Internação mostraram-nos dados extremamente instigantes do ponto de vista de sua explicação teórica, fazendo-nos enveredar por caminhos distintos daqueles traçados pelas teorias correntes.

É preciso considerar que este enveredar não se deu ao acaso, mas em busca de uma explicação teórica para o que o dado apresentava. Logo o reconhecimento da necessidade de ousar por outros campos teóricos, neste caso pela Psicanálise, deu-se por já ter trilhado os caminhos das teorias que

se dedicam à compreensão do processo de aquisição da escrita e entender que o campo da Psicanálise oferece a possibilidade de discorrer mais sobre os textos, por considerar a emergência do inconsciente no movimento da escrita. No entanto, esse movimento de partida do dado, de passagem pela teoria e de retorno ao dado é permeado de tensão.

De um modo geral, as teorias que se dedicam à compreensão de processos de aquisição da escrita, fundamentam-se na noção de representação, eixo norteador de suas análises e teorizações.

A interpretação desse processo é, então, reduzida à sua descrição psicológica cognitivista, ou seja, por um desenvolvimento enquadrável em estágios definidos e universais, que têm em sua origem um sujeito já constituído, capaz de, mediante a sua atividade sobre a linguagem, concebida como exterior à sua subjetividade, agir sobre ela e, representá-la. Isso decorre do fato de se ter a Psicologia Cognitivista como seu eixo sustentador. A compreensão que se tem, então, desse processo é que a escrita se constitui como representação da oralidade, ou seja, representação escrita dos sons da fala.

No que se refere à Lingüística, ciência que se dedica às questões da linguagem, e à Psicanálise que enfatiza o papel da linguagem na constituição do sujeito, são poucos os trabalhos nessa área centrados na investigação do

processo de aquisição da escrita, sobretudo tendo adolescentes e jovens como sujeitos do processo.

O aparecimento na escrita dos adolescentes de fragmentos e de *lacunas* aparentemente *estranhos* à organização do texto , e, muitas vezes, contraditórios, apresenta várias questões no que se refere ao processo de aquisição da escrita, que as teorias baseadas na Psicologia não parecem poder responder. Pergunta-se então: o que está em jogo neste jogo? É possível compreender essa escrita tendo a noção de representação como pano de fundo? O que fazer com as *lacunas* que aparecem nos textos dos sujeitos desta pesquisa? Deve-se ignorá-las? Como interpretar essas *lacunas*? Qual a relação existente entre o sujeito e sua produção? Qual a concepção de linguagem e sujeito que permite compreender o processo de escrita com o qual se depara?

Os dados obtidos ao longo da pesquisa demonstraram a necessidade de teorizar essas questões, ou seja, de compreender o aparecimento, no texto dos adolescentes, de elementos não considerados pelas teorias de alfabetização e, portanto, por elas abandonados . Para compreender esse fato, é necessário discutir as questões acima apresentadas, que vão se caracterizar como pano de fundo das análises.

Durante o movimento que realizamos neste trabalho, fizemos um percurso pela Filosofia na tentativa de compreender a noção de representação

impressa por essa ciência, uma vez que os dados apontavam que não era por meio da representação, tal como concebida pela Filosofia, que a escrita daqueles textos se constituía.

Então, inicialmente o primeiro capítulo desta dissertação, discute a noção de representação tal como concebida pela Filosofia clássica, pela Psicologia Cognitivista e por algumas vertentes da Lingüística, já que todas sustentam a concepção de que a escrita é representação da fala. Ancora-se essa discussão na Psicanálise, sobretudo nas teorias de Freud e Lacan, discorrendo sobre a relação entre representação e linguagem, e nelas buscando elementos para análise dos dados, já que eles desvelam questões que até então permaneceram adormecidas no campo da aquisição da linguagem e da escrita.

O segundo capítulo justifica a incursão pela Psicologia Cognitivista e pela Linguística, discutindo a respeito da higienização que essa teoria psicológica e a concepção funcionalista da lingüística procedem em relação aos dados, ou seja, aos textos, quando apresentam elementos não-categorizáveis.

Realizamos também uma incursão pelo *interacionismo dialógico*, buscando idéias fundamentais para a compreensão da relação sujeito/objeto/linguagem escrita, ou seja, sustentamos uma concepção de linguagem, linguagem escrita e de aquisição.

O *interacionismo dialógico* referencial teórico que vem se ocupando da discussão do processo de aquisição da escrita à luz de teorias cujo objeto é a linguagem, constitui uma proposta de descrição dos processos de aquisição da linguagem, oral e escrita pela criança, que vem sendo desenvolvida por um grupo de pesquisadores brasileiros com base nos trabalhos de Cláudia Lemos. Esta proposta está alicerçada no estruturalismo lingüístico, na perspectiva de Saussure e Jakobson, ressignificado, ou seja, revista pela Psicanálise, particularmente por Lacan e Derrida. Também no campo dos estudos sobre a escrita, sobre a aquisição da língua estrangeira e no da clínica fonoaudiológica, vêm sendo desenvolvidos estudos, como caso as pesquisas de Mota (1995), Calil (1995), Carielo (1995), Lier-De Vitto (1994), Nagamine (1995), Carvalho (2000), e do presente trabalho.

Os trabalhos de Mota (1995) e de Calil (1995) apresentam-se como precursores na área da escrita, que têm o referencial teórico do interacionismo dialógico como base para as suas discussões a respeito do processo de produção escrita.

O trabalho de Mota (1995) faz uma reflexão sobre a alfabetização com base na discussão sobre as relações entre oralidade/escrita/língua apresentando produções de crianças em fase de aquisição que podem ser consideradas insólitas, e Calil (1995) investiga algumas relações entre o *autor* e o texto, que possam estar envolvidas no processo de produção. Na

trilha desse caminho aberto pelos autores citados encontram-se os trabalhos de Burgarelli, Carvalho, Kupfer, que se ocupam da discussão a respeito da escrita pautados em uma concepção de linguagem como constitutiva do sujeito.

O interacionismo dialógico promove um deslocamento dos estudos no campo da aquisição para outro *lugar*, pelo papel singular e pela ênfase à relação com o texto no processo de aquisição da escrita, constituindo-se como um outro olhar para a produção textual, olhar esse que se difere da visão psicológica construtivista.

De acordo com as teorias de alfabetização, cujos pressupostos vêm predominantemente do campo da Psicologia Cognitivista, é prioritário o trabalho de tomada de consciência, pelo alfabetizando, das funções sociais da linguagem escrita. Por isso, devem ser incorporadas às práticas de alfabetização atividades que provocam essa consciência.

É interessante observar que a importância do texto no processo de alfabetização já se encontra consolidada no interior das propostas pedagógicas. Existe uma concordância de que a leitura e a escrita de textos em sala de aula são fundamentais. E, essa compreensão decorre de pressupostos da Lingüística Funcionalista, a qual se apóia na perspectiva representacionalista da Psicologia Cognitivista, que considera haver precedência da aquisição da representação das funções sociais da escrita sobre

a aquisição de sua forma. Portanto, nessas teorias, o texto funciona primordialmente como instrumento de ensino das funções da linguagem, para, em seguida, ocupar o lugar de reflexão sobre os princípios lingüísticos que lhe são constitutivos.

Nesta dissertação pretendemos refletir sobre o processo de constituição de textos tomando para análise os textos dos adolescentes e jovens internos do Centro de Internação para Adolescentes – (CIA), caracterizando-os também como insólitos, inusitados, se analisados sob a perspectiva estrutural.

Nesse sentido, propomos descrever o efeito de intensificação das relações dos sujeitos com textos, em outra perspectiva, considerando que a linguagem escrita em funcionamento nesses textos tem efeitos e é constitutiva da escrita do sujeito. A produção textual implica a relação com textos pelo leitor, não impedindo, no entanto, que o leitor imprima a sua singularidade na experiência da leitura e de constituição de um outro texto.

A Psicanálise, nas vertentes de Lacan e Derrida, ocupa-se, dentre outros aspectos, de uma crítica radical à concepção psicológica de sujeito cognoscente, do indivíduo, caracterizado por uma auto-identidade fechada em si mesma e desde sempre constituída. Esses autores destacam, como peça fundamental desse quebra-cabeça, o sujeito que o racionalismo ignorou,

apontando um sujeito fendido, identificado por Lacan como sujeito constituído pelo Outro, ou seja, pelo discurso do outro.

É comum as pessoas apropriarem-se de determinadas concepções sem, no entanto, explicitarem o porquê se fala deste e não daquele lugar. Por isso, é necessário discutir a apropriação da Lingüística, ressignificada à luz da Psicanálise.

Assim sendo, a produção de textos dá-se como efeito do movimento da linguagem sobre a linguagem. Dessa forma, a discussão desloca-se do lugar cristalizado em que se encontrava, entendendo a produção desses textos, não como da ordem da construção de representações, mas como um movimento contínuo de ordem estrutural, pelo qual se estabelecem entrelaçamentos de significantes, em que elementos nômades da oralidade e da escrita advindos dos diversos discursos se enlaçam na língua, permitindo acontecimentos na estrutura.

Isso não quer dizer que os textos aqui apresentados se assemelhem aos apresentados por Mota (1995) em seu trabalho, embora os textos dos adolescentes apresentem uma escrita constituída e não mais fragmentos de escrita como os apresentados por Mota, no entanto, são marcados pelo aparecimento de fragmentos de textos que rompem a estrutura aparentemente pronta da escrita, re-velando o que está sendo caracterizando por insólito, o que justifica a opção pelo caminho estruturalista, vez que a noção de estrutura

constitui a espinha dorsal desta dissertação. O segundo capítulo busca evidenciar os fios que ligam a Filosofia clássica, e, portanto, a Psicologia e a Lingüística que a ela se filiam, a um estruturalismo *fechado*, formalista, que está na base de uma concepção estrutural de aquisição, com as mesmas características. Recorremos, posteriormente, às críticas de Derrida a esse estruturalismo, à Psicanálise, e especialmente a Lacan, em busca de um retomar das mesmas noções de representação e de estrutura, porém, deslocando-as do lugar no qual se encontravam. Desta forma, a análise dos dados dessa pesquisa reconhece a existência de um sujeito intervalar, com base em outra visão de estrutura. O segundo capítulo, situa-se, portanto, no âmbito das discussões relativas à difícil noção de estrutura, mas que é indispensável para este estudo.

Esse movimento levou-nos à apropriação do conceito de estrutura *significante* como formulação teórica que consegue abarcar a emergência de um sujeito intervalar, ou seja, apropriamo-nos da concepção estruturalista lacaniana de linguagem.

Lacan percebe, à luz da Lingüística, a importância que há em se considerar em Psicanálise o método estrutural, considerando-o no campo das produções *significantes* do inconsciente, dos sonhos e dos sintomas, afirmando que o inconsciente **tem** *a estrutura radical da linguagem*. O seu estudo das estruturas da linguagem, do inconsciente, dos mitos ou das

relações sociais demonstra a natureza ilusória da autonomia do sujeito, desvelando, em seu retorno a Freud, um sujeito é-feito da língua.

O terceiro capítulo centra as análises na discussão do processo de constituição da escrita que, conforme entendimento, de que é inundada de aspectos que falam de uma estrutura flexível, que permite o acontecimento, ou seja, a emergência do sujeito. Os dados analisados nesse capítulo revelam o estatuto lingüístico-discursivo, no qual os adolescentes produtores dos textos estão inscritos, permitindo-nos falar não só de um funcionamento lingüístico-discursivo como constitutivo, da escrita do sujeito, como dele próprio.

Lacan aponta em Freud que a raiz ou o ápice da questão do sujeito está na linguagem, uma vez que, tendo em vista a sua constituição psíquica, não há um dentro e um fora, ou um antes e depois da linguagem na formação de representações. Assim, pode-se dizer que não há um dentro e um fora também da estrutura, pois não se concebe uma noção descolada da outra, ou seja, está implícito, na concepção de linguagem adotada neste trabalho, uma noção de estrutura que lhe é inerente. Portanto, com base na perspectiva da linguagem que é fendida, cortada, inundada pelo inconsciente, discurso do outro, apropriamo-nos do pensamento de Lacan e Derrida para discussão do processo de constituição da escrita, teorizando a emergência de um sujeito intervalar que os dados revelaram. Pensar assim implica a desconstrução da

noção psicológica de representação, em que se baseiam as teorias da alfabetização e adoção da idéia de que as representações têm o estatuto de linguagem.

CAPÍTULO 1

O TEXTO ESCRITO: UMA QUESTÃO DE REPRESENTAÇÃO?

1.1. Onde estamos com a questão da representação?

Este capítulo inicia-se com uma visão abrangente das concepções sobre a noção de representação, tendo em vista situar a filiação da Psicologia à Filosofia clássica e a sua influência a respeito das concepções sobre a linguagem escrita.

O século XVII, com as críticas de Nicolau de Cusa, Giordano Bruno e Galileu Galilei, assistiu ao progressivo declínio do pensamento aristotélico. O modelo mecânico da física de Newton foi aplicado a uma nova concepção de corpo e um novo saber sobre o homem começou a se constituir.

Surgiu, também, em meio a esse mecanicismo que reunia o céu e a terra numa só explicação, a figura complexa de René Descartes,

revolucionário e herdeiro do pensamento grego e medieval, ao mesmo tempo que se propunha buscar na razão os recursos para a recuperação da certeza científica. Sob a influência do cartesianismo, a representação passa a ser considerada o lugar de morada da verdade, ainda que se instale aí um problema crucial: se se chega a ela por via da razão ou por via da experiência. Racionalistas e empiristas diferem sobre o caminho a trilhar em busca da verdade, entretanto, nenhum deles discorda dos princípios de verdades, universalidade e identidade, e Platão é o grande guia e inspirador dessa caminhada.

A filosofia constrói então uma noção de representação no interior da qual mantém as mesmas exigências e os mesmos objetivos da episteme platônica, cujo ideal continua sendo o conhecimento da verdade. De acordo com Delacampagne (1997), do renascimento ao final do século XIX, essa noção é considerada *cópia* fiel de uma realidade substancializável. E essa é a concepção de representação disseminada também nos diversos campos da ciência. É verdade que, por essa razão, tornou-se algumas vezes campo de estudo de análises muito diversas ao longo da história, quando, por vezes, contestava-se o seu caráter *natural*. Entretanto, não era uma discussão que atingia um número significativo dos estudiosos da questão, pois, para a maioria deles, as representações e os signos são confiáveis e as linguagens verídicas.

Em Platão, como mostra Derrida, em sua obra *A farmácia de Platão* (1991), a escrita, enfocada no Fedro, não constituía uma ordem de significações independente; sendo imitação, não teria uma *razão*, uma *direção*, e uma *norma* próprias. Portanto, a noção de escrita, apresentada por Platão e em toda a tradição filosófica desenvolveu-se no bojo da mesma concepção binária de representação e signo, segundo o qual teria um caráter técnico, representativo, ou seja, designação direta da coisa.

A concepção de representação como cópia fiel da realidade dominou o campo da ciência e das artes durante muito tempo, no entanto, foi progressivamente abalada a partir de 1880, conforme Delacampagne (1997), quando passou a ser questionada. Alguns questionamentos, antes não explícitos, surgiram com grande vigor colocando em xeque a visão até então cristalizada, tornando essa noção, em poucos anos, objeto das reflexões mais subversivas. Em *As palavras e as coisas* (1987), Foucault faz críticas veementes ao pensamento clássico, opondo-o ao pensamento moderno que se inicia.

Evidencia-se uma nova lógica da representação, passando a ser considerada apenas uma construção do espírito e não mais a expressão de um estrutura *natural* e imutável, concebendo-se como possível que outras construções possam acontecer, que outros usos dos signos possam ser imaginados e outras regras do jogo elaboradas.

O advento da modernidade não se traduz apenas por uma nova visão do mundo, mas também por um novo questionamento sobre o fundamento das ciências e pela constituição de disciplinas centradas na análise da representação.

De acordo com Delacampagne (1997), essas discussões ganharam evidência no campo de diversas ciências, tais como na Matemática, como nas ciências físico-químicas com descobertas importantes como a confirmação da antiga hipótese da estrutura atômica da matéria e a formulação de Einstein da teoria da relatividade (1905), destruindo a idéia herdada de Newton, de um espaço e de um tempo absolutos; na área biológica, a teoria darwiniana da evolução delimita uma abordagem funcional do ser vivo em oposição ao mecanicismo e ao vitalismo. Graças a essas mudanças de perspectiva, a Fisiologia e a Neurologia fizeram progressos importantes; ao passo que os trabalhos de Pasteur abriram caminho para a medicina moderna, os de Mendel apontaram para a necessidade de se reconhecer a teoria da hereditariedade.

Centraremos, as atenções para as Ciências Sociais que, dentre outras ciências, sofreram influência dessa nova concepção de representação.

Durante longos anos, as Ciências Sociais dedicaram-se aos estudos do espaço e do tempo humanos, com disciplinas como a História, Geografia, Economia e a Sociologia, e, a partir de 1880, enriqueceram-se com a

implementação de três novas disciplinas que, sob diferentes ângulos, contribuem para uma virada na concepção de representação.

Os princípios de uma ciência que se dedica ao estudo da linguagem foram lançados pelo lingüista suíço Ferdinand de Saussure (1857-1913), contrapondo-se a Filologia clássica, que se preocupava mais com a evolução histórica das línguas do que com seu funcionamento interno. Saussure (1974) abandona a idéia de signo como representação direta da coisa, e, com a noção de língua, fundou a Lingüística, que passou a ser modelo da ciência moderna. O signo saussureano não representa idéia ou coisa, ele representa o signo para outro signo, ou seja, Saussure apoderou-se da noção de signo oferecida pela tradição filosófica, ressignificando-o. Ele rompeu o elo que unia, desde os gregos, a teoria dos signos à teoria das coisas. No entanto, as idéias de Saussure produziram seus efeitos somente meio século depois.

A Etnologia veio contribuir para solapar a ideologia etnocêntrica que a inspira. A Etnologia é levada a contestar a pretensa *superioridade* da civilização européia e a valorizar, mediante as sociedades sem escrita, a unidade profunda do fato simbólico, ao mesmo tempo que descobre a riqueza dos costumes e das representações *pré-lógicas* (Lévy-Bruhl, *apud* Delacampagne, 1997, p.14).

A Psicanálise¹ não é uma ciência no sentido usual do termo, não se reduz a uma nova metafísica e nem a um ramo da Psicologia ou da Psiquiatria. O inconsciente freudiano marca o descentramento da razão do lugar sagrado em que se encontrava. Ao fazer da consciência um mero efeito de superfície do inconsciente, Freud operou uma inversão do cartesianismo, que dificilmente poderá ser negada. O inconsciente freudiano é o nome de uma instância universal cujo reconhecimento aparece concomitantemente com o da linguagem ou do simbólico. Sua exploração está ligada a uma prática da decifração, seja pelo sintoma neurótico, ou no sujeito *normal*, pelo triplo canal do sonho, do ato falho e do chiste. É o que Freud parece querer mostrar na trilogia constituída pela *Interpretação dos sonhos* (1900), *Psicopatologia da vida cotidiana* (1901) e *O chiste e sua relação com o inconsciente* (1905). Essas três obras são marcadas por uma mesma concepção do *palco* psíquico como lugar de uma *representação*, cujo autor oculto é o inconsciente. Freud opera o que se pode chamar de desconstrução da noção de representação como entidade psicológica, reconstruindo-a como entidade lógica, ou significante. O estatuto da representação, no discurso da Psicanálise, remete a processos que estão sob o registro do inconsciente.

No entanto, se os *iede* platônicos foram substituídos pelos conceitos da ciência moderna, isso pouco alterou a crença na universalidade da verdade.

¹ Palavra forjada em 1896 pelo médico vienense Sigmund Freud (1856-1939).

Não há dúvida de que modificações foram feitas ao longo da história da humanidade e os exemplos citados demonstram essas mudanças. O mundo das idéias foi tocado pela crença numa subjetividade, *o cógito* substitui o *tops uranos*, mas em ambos os casos trata-se de determinar o lugar no qual as cópias encontram os seus modelos e do qual os simulacros devem ser expulsos.

A questão da subjetividade é, ainda, uma das questões internas ao modo de pensar platônico, embora o problema da subjetividade não seja colocado explicitamente por Platão. Na realidade, sua emergência só se deu com Descartes no século XVII. Se, durante tantos séculos, a Filosofia preocupou-se com o problema da substância, não foi em razão de que a subjetividade não estivesse presente, mas sim porque ela não tinha se constituído como problema.

Com Descartes (1662) a questão recebe a sua primeira formulação. Diante da incerteza quanto à realidade objetiva, ele afirma a certeza do *cogito*.

E notando que esta verdade; **eu penso, logo existo**, era tão firme e tão certa que todas as mais extravagantes suposições dos cétricos não seriam capazes de a abalar, julguei que poderia aceitá-la, sem escrúpulos, como o princípio da Filosofia que procurava

O cartesianismo, tal como tradicionalmente interpretado, supõe uma universalidade do espírito como fundamento do cogito, pois se esse é tomado como ponto de partida não é para afirmar a singularidade do sujeito, mas a universalidade da consciência. Quando Descartes afirma “*penso, logo sou*” não é de um sujeito que se fala, mas de uma universalidade. A história da Filosofia vê no *cogito* o fundamento reflexivo do pensamento sobre o homem, como gênero e espécie. Não é do homem concreto que fala Descartes, mas de uma natureza humana, de uma essência universal.

A dúvida de Descartes centraliza-se no nível da *episteme* (conhecimento), e, aquém da dúvida, está a crença no mundo. Estabelece, então, os limites entre a crença e a verdade científica.

Segundo Garcia-Roza,

A filosofia e a ciência constituem-se numa grande tecnologia. O eixo sobre o qual se movem é o da verticalidade, onde o que importa é o Modelo como fundamento último. O grande operador deste projeto é o **conceito**, que, na sua universalidade, nos aponta para a **Idéia** ou a essência. Estamos imersos no simbólico. Entre a **Idéia** platônica e o **Édipo** freudiano a diferença é menor do que pensamos. Em ambos os casos estamos lidando com estruturas que são o fundamento último dos acontecimentos e o princípio de sua inteligibilidade. (grifos do autor)

Assim, deve-se situar a Psicanálise nesse campo de discussões, reconhecendo que ela operou uma ruptura com o saber existente e produziu seu próprio lugar. A produção do conceito de inconsciente resultou em uma clivagem da subjetividade, representando uma mudança significativa em face da filosofia moderna.

Diante do saber dos séculos XVII e XVIII, a Psicanálise apresenta-se como uma teoria e uma prática que se dedicam a estudar o homem como ser singular, ocupando no século XX o lugar de escuta da singularidade humana.

Com o advento da modernidade, a Psicanálise desponta no palco das discussões sobre a noção de representação, imprimindo a concepção de sujeito do desejo que o racionalismo ignorou.

A Psicanálise aponta um sujeito fendido, aquele que faz uso da palavra e diz *eu penso, eu sou* e que é identificado por Lacan como sujeito do enunciado e aquele outro como sujeito da enunciação. Essa divisão não se faz em nome de uma unidade, mas produz uma fenda entre o dizer e o ser, entre o *eu falo* e o *eu sou*. Daí, surge a inversão lacaniana da máxima de Descartes “Penso onde não sou, portanto sou onde não me penso” .

A inversão lacaniana do *cogito* cartesiano revela a pretensa transparência do discurso e a suposta unidade do sujeito preconizado pelo cartesianismo. De acordo com Lacan (1996), o sujeito do enunciado não é

aquele que revela o sujeito da enunciação, mas aquele que promove o desconhecimento desse sujeito.

Como facilmente se pode notar, as concepções de representação vigentes nas teorias psicológicas filiam-se à concepção filosófica clássica.

Ainda que os enfoques construtivistas e sócio-interacionistas sobre o processo de aquisição apresentem concepções um pouco diversas sobre a natureza das relações entre sujeito e o objeto, parece comum a compreensão de que o acesso às suas categorias e regras não pode ocorrer *sem a existência de um conhecimento dado previamente sob a forma de representações mentais* (Lemos, *apud* Mota, 1995 p.48). Nesse sentido, podemos dizer que a maneira de operar dessas representações pode incluir, ou não, um papel para a linguagem, mas o seu funcionamento está definido *a priori*. Não se reconhece o lugar do sujeito como falante na estrutura lingüístico-discursiva quando se trata de representar as coisas do mundo ou a si mesmo e, pode-se acrescentar, quando se trata de representar a oralidade.

A explicitação da noção de representação na Psicologia e nas ciências humanas representa um ponto nodal para se compreender as suas posições em relação ao processo de conhecimento. Milner (*apud* Pêcheux, 1981, p 11-12)observa a esse respeito:

tudo para elas (as ciências humanas) é representável, e conforme o estilo moderno as representações são produzidas pela ciência, que tem o direito de ver toda a realidade. Toda realidade deve, então, dar lugar a uma representação científica, é necessário incluir no universo do discurso da ciência as realidades que, a princípio, definem-se como rebeldes. Em resumo, tudo que poderia ser atribuído a um sujeito – recalcado como se sabe – e que é reapoderado no que tem de representável. As ciências humanas adquirem status nesse movimento de inclusão e se resumem a um complexo de representações referidas a um eu. Encontram-se neste ponto com a Psicologia, ciência por excelência, do eu como fonte de representação. Em seguida toda uma série de representações deste eu por parte da sociedade e de suas práticas. Neste ponto a Lingüística é original : ela não remete seu objeto ao eu como fonte de representações. O que significa a evacuação da semântica de seu campo: ela não reconhece este sistema de representações que acompanha as estruturas.

Falar da noção de representação em Psicologia pressupõe reconhecer que essa noção é central na Psicologia Cognitivista, que a concebe como inerente a qualquer atividade mental e a descreve como um fenômeno psíquico da ordem da consciência, por ser um processo cognitivo sobre o qual o sujeito tem o controle, e intencional, por compreender, obrigatoriamente, uma relação do sujeito com o objeto, dada a sua natureza referencial.

Portanto, uma questão situa o lugar do/no qual consideramos importante iniciar a discussão: o que é estruturalismo? A intenção não é fechar um conceito de estrutura e de estruturalismo, mas estabelecer em que

o estruturalismo e uma análise estrutural do texto podem favorecer a descrição do processo de aquisição da escrita.

1.2 Da representação à estrutura: um percurso pelo caminho estruturalista

É importante remetermos inicialmente às idéias estruturalistas para, em seguida, discutirmos a posição de Lacan (1996) que tem repercussões sobre o que vimos desenvolvendo a respeito de aquisição da escrita e a estrutura do texto.

Conforme Dosse (1993) o estruturalismo alcança êxito na França ao longo dos anos 50 e 60 do século XX, com adesão de grande parte da *intelligentsia* daquele país, por apresentar-se como um método rigoroso que acenava a possibilidade de progressos decisivos no rumo das ciências e por ser considerado como campo forte da consciência crítica. Talvez, seja essa a principal razão de tantos intelectuais terem se reconhecido como parte integrante de um mesmo programa, pois a atitude estruturalista se constitui em uma estratégia de promoção de uma nova inteligibilidade, que rompe certas formas de pensar os objetos. Na realidade, os termos estruturalismo e estrutura são antigos, referindo-se, de forma ampla, à idéia de relações. Apenas no início do século XX, esses termos, estruturalismo e estrutura, ganham um campo limitado para sua aplicação, reportando-se ao que é linguagem.

O estruturalismo do século XX não teve como função a introdução da noção de estrutura, que se encontra consolidada no campo das diversas ciências, mas provocar a transformação da noção de estrutura. No entanto, a originalidade do estruturalismo lingüístico consiste em estabelecer uma nova significação para essa palavra que não seja simplesmente a que remete a uma idéia de organização, pois a concepção estruturalista em Lingüística surgiu com a introdução da dimensão sincrônica no estudo da língua.

Vale lembrar, segundo Delacampagne (1997) que do Renascimento ao final do século XIX, a noção de representação era fundamentalmente considerada como representações fiéis de uma realidade que lhes preexistia. Neste sentido, as produções relativas ao saber e à arte não eram concebidas como construções mentais, mas como representação fidedigna de uma realidade preexistente e os estudos referentes a essa questão apontavam a noção de que os signos eram confiáveis e as linguagens, verídicas.

Nessa mesma época, encontra-se uma concepção de língua como expressão do pensamento, que traz consigo a noção de que a frase dá uma certa imagem de uma idéia, que representa, da mesma forma que um quadro representa seu modelo.

A noção de representação, nesse período, associava-se à noção de reprodução, e carregava consigo a idéia de um objeto que seria seu *referente*.

Seguindo essa linha de raciocínio, de língua como expressão de pensamento, chega-se à idéia de que a organização interna da língua tem a probabilidade de passar por uma espécie de decalque de uma realidade lógica ou psicológica.

Essas convicções tornaram-se dominantes durante muito tempo. Conforme Delacampagne (1997) a partir de 1880, entretanto, passaram a ser questionadas e se tornaram, em pouco tempo, objeto de reflexões mais subversivas. A lógica da representação, no sentido clássico do termo, passou a ser compreendida como construção do espírito, abandonando o que até então era compreendido como expressão de uma estrutura *natural e imutável*.²

Com base nas considerações feitas da noção de representação na Filosofia clássica, é possível focalizar a Lingüística, que, de certa forma, distante da Filologia clássica, preocupada muito mais com a evolução histórica das línguas do que com seu funcionamento interno, adquire com Saussure estatuto de uma ciência da linguagem, embora suas idéias (1857 - 1913) só tenham produzido efeitos meio século depois.

O estruturalismo nasceu em um contexto histórico específico marcado, desde o século XIX, como fruto do desenvolvimento das ciências sociais na busca de novos modelos. Nesse sentido, representa a expressão de um movimento de rejeição das formas de pensamentos tradicionais,

² Expressão usada por Delacampagne (1997, p.12)

atentando-se sobretudo para o recalcado, o reprimido na história ocidental tradicional, tendo a Antropologia e a Psicanálise como ciências mestras nesse período, que encontram respaldo também na Lingüística, ciência-piloto que orienta o processo de aquisição científica para as Ciências Sociais, de um modo geral. Assim, o estruturalismo inaugura um período extremamente fecundo nos domínios das ciências humanas, pois coloca em evidência sistemas de relações entre elementos e objetos que não aparecem imediatamente, constituindo-se, pois, um rompimento com a noção tradicional de representação. Uma parte do projeto estruturalista realiza-se ao explorar a idéia de uma epistemologia própria às Ciências Humanas para as quais adota-se um corte na distinção em Psicanálise entre *imaginário* e *simbólico*, na Antropologia entre *natureza* e *cultura* e em Lingüística entre, *significante* e *significado*. Assim, as disciplinas evocadas são a Psicanálise, de orientação lacaniana, a Antropologia Estrutural de Lévi-Strauss e a Lingüística Estrutural, de Ferdinand de Saussure.

A reconstituição da história do estruturalismo é um tanto complexa. Para se ter acesso às principais orientações do período, é necessário reconstruir a pluralidade das abordagens, sem reducionismo, das diversas áreas do conhecimento em questão, pois, ao ser articulado com a finalidade de produzir conhecimento sobre um determinado objeto, o estruturalismo toma

nuances diferentes. Mas também são diferentes as nuances de acordo com a época e o lugar em que é articulado.

Com a aparente possibilidade de valer para vários campos do conhecimento, desde a Lingüística até a Biologia, passando pela Antropologia, Arquitetura, Literatura, pelas diversas Semiologias e pela Economia, o estruturalismo ganha foro de obviedade e, neste sentido, a palavra estrutura pode ser tomada como tendo sentido transparente, ao ser utilizada para significar qualquer tipo de esquema de organização.

A análise dos níveis pelos quais o estruturalismo se instalou na história do pensamento moderno demonstra que essa vertente de pensamento emerge com uma outra *episteme*, pois o pensamento clássico funda a relação de univocidade entre significante e significado, fazendo do signo a representação do significado, ou seja, produto do conhecimento.

Procurando perseguir esse questionamento, estabelecendo a ligação da palavra estruturalismo ao termo estrutura, pode-se verificar que o termo estrutura, do latim *structura*, originário do verbo *struere*, construir, determina o sentido mais geral da palavra, o arquitetural. De acordo com Chauí em *A noção de estrutura e alguns de seus problemas*,

A estrutura se reduz a um sistema de operações abstratas, seu significado é o de uma combinatória geral que assume um aspecto particular ou concreto quando preenchida por um modelo, isto é, um fenômeno determinado; a estrutura é uma forma vazia cuja

matéria é variável, pois depende do modelo particular que vem encaixar-se nela.

Porém, o sentido do termo *estrutura* modifica-se no curso das diversas ciências, apossando-se do campo das Ciências Sociais, a partir do século XIX. Uma estrutura pode ser considerada uma organização simplesmente, mas um modelo teórico.

O antigo significado da noção de estrutura são claros, observemos, no Littré e no Larousse, são sucintos: estrutura é, antes de mais nada, a maneira como o edifício está construído; depois por extensão, o modo como as partes de um todo qualquer – substância mineral, corpo vivo, discurso, pouco importa – são *dispostas* entre si. O dicionário de Lalande acrescenta a idéia da solidariedade dos elementos, mas ela já está contida na definição precedente : o edifício desmoronar-se-ia, o discurso não teria sentido, se as partes de um todo e de outro não fossem solidárias.

A estrutura é, portanto, aquilo que revela a análise interna de uma totalidade ; elementos, relações entre os elementos e o arranjo, o sistema dessas mesmas relações.

Essa é, por sua vez, uma noção corrente de estruturalismo, ou seja, onde há ordem, regra ou princípio, aí há então uma estrutura.

Piaget (1979) em seu trabalho, *O estruturalismo*, que se tornou um clássico no campo da epistemologia ensina que :

Diremos que há estrutura (em seu aspecto mais geral), quando elementos são reunidos numa totalidade apresentando certas propriedades como totalidade e quando as propriedades dos elementos dependem inteiramente ou parcialmente, desses caracteres da totalidade.

Piaget (1979) define estrutura, alertando a dificuldade de se caracterizar o estruturalismo, que se reveste de formas por demais variadas e com as *estruturas* adquirindo significações cada vez mais diferentes. Esse autor afirma que o estruturalismo privilegia sistemas de conjuntos que operam em função sincrônica. Seu estruturalismo é fruto de um período em que predominava o positivismo lógico, portanto, erigiu-se tendo como pilar central a lógica-matemática, muito mais do que a linguagem, pois o mesmo se encontrava impregnado pelo construtivismo kantiano. Assim sendo, atribui à razão – pura e prática – a capacidade de penetrar nas aparências para encontrar as leis de composição da estrutura.

Para Piaget (1979), o estruturalismo adquiriu diversos sentidos nas ciências contemporâneas e, para se tentar uma síntese, é imprescindível que se atente para dois problemas básicos: o do ideal positivo que recobre a noção de estrutura nas conquistas das diversas variedades do estruturalismo, e o das intenções críticas que acompanharam o nascimento e desenvolvimento de

cada uma delas. Nesse sentido, Piaget considera que há um ideal comum de inteligibilidade entre os estruturalistas, ao passo que suas intenções críticas são variadas. Piaget cita como exemplo a ciência matemática, na qual o estruturalismo se opõe à compartimentalização dos capítulos heterogêneos, reencontrando a unidade graças ao isomorfismo; já o estruturalismo lingüístico, que se distanciou das pesquisas diacrônicas sustenta-se por fenômenos isolados, para encontrar sistema de conjunto, em virtude da sincronia com Saussure (1974) e, a Psicologia, em que o estruturalismo combateu por mais tempo as tendências *atomísticas*, que procuravam reduzir as totalidades às associações entre os elementos prévios, por isso, fechados.

Nas discussões mais correntes, segundo Piaget (1979), vê-se o estruturalismo queixando-se do historicismo, do funcionalismo e de todas as formas de recurso ao sujeito humano. Analisando os aspectos positivos da idéia de estrutura, Piaget (1979, p.8) considera que há, pelo menos, dois aspectos comuns a todos os estruturalismos:

de uma parte, um ideal ou esperanças de inteligibilidade intrínseca, fundadas sobre o postulado de que uma estrutura se basta a si próprio e não requer, para ser apreendida, o recurso a todas as espécies de elementos estranhos à sua natureza, por outro lado, realizações, na medida em que se chegou a atingir efetivamente certas estruturas em que elas apresentam, apesar de suas variedades.

Para Piaget (1979,p.8), em uma primeira aproximação,

estrutura é um sistema de transformações que comporta leis enquanto sistema (por oposição às propriedades dos elementos) e que se conserva ou se enriquece pelo próprio jogo de suas transformações, sem que estas conduzam para fora de suas fronteiras ou façam apelos a elementos exteriores.

Portanto, para esse autor, uma estrutura compreende os caracteres de totalidade, transformação e auto-regulação. Totalidade pelo fato de a relação entre os elementos nunca resultar em um outro elemento estranho ao conjunto, e, por sua vez, resultar ao mesmo tempo da independência dos elementos componentes da estrutura, compreendendo que a reunião de todos os elementos é necessariamente diferente de sua soma; transformações, porque os elementos estão sempre se relacionando dinamicamente; auto-regulação, porque uma estrutura nunca pode ser regulada por outra, senão por ela própria, posto que esta é uma característica essencial da estrutura, pois, a estrutura é suscetível de se auto-conservar.

Em uma segunda aproximação, a noção de estrutura segundo Piaget (1979,p.9),

deve poder dar lugar a uma formalização. Contudo, é preciso deixar claro que essa formalização é obra do teórico, ao passo que a estrutura é independente dele, e pode traduzir-se imediatamente em equações lógico-matemáticas ou passar pelo intermediário de um modelo cibernético.

De acordo com Piaget (1979) se fosse preciso englobar na idéia de estrutura todos os formalismos, em todos os sentidos do tempo, o estruturalismo recobriria todas as teorias filosóficas não estritamente empiristas que recorrem a formas ou essências, de Platão a Hurszel, passando sobretudo por Kant, e até mesmo às variedades de empirismo como o *positivismo lógico*, que apela às formas sintáticas e semânticas para explicar a lógica. Portanto, para Piaget (1979) a característica de transformação das estruturas permite delimitar o problema exposto.

Com base na definição de estrutura como um sistema de transformações fechado sobre si mesmo, Piaget (1979, p.10) discute o caráter de totalidade, que é próprio das estruturas:

Uma estrutura é, por certo, formada de elementos, mas estes estão subordinados às leis que caracterizam o sistema como tal; e essas leis, ditas de composição, não se reduzem a associações cumulativas, mas conferem ao todo, enquanto tal, propriedades de conjunto distintas daquelas que pertencem aos elementos.

Porém, de acordo com o autor (1979,p.10), o caráter de totalidade levanta de fato muitos problemas, pois

seria falso crer que em todos os domínios as atitudes epistemológicas se reduzem a uma alternativa: ou o reconhecimento de totalidades com suas leis estruturais ou uma composição atomística a partir de elementos .

Para Piaget (1979,p.11), além dos esquemas de associação atomística e os de totalidades emergentes, existe uma terceira posição que é das estruturas operatórias. “ os procedimentos ou processos de composição (segundo se fale de operações intencionais ou de realidades objetivas), não sendo o todo senão a resultante dessas relações ou composições, cujas leis são as do sistema.”

Pode-se identificar aí, segundo o autor (1979,p.11), o problema central de todo o estruturalismo “comportam as estruturas uma formação ou não conhecem senão uma pré-formação mais ou menos eterna?”

O fato de a noção de estrutura apresentada por Piaget (1979,p.12) compreender os caracteres de totalidade, mas também os de transformação e auto-regulação, assinala um segundo problema que emerge da questão das transformações:

Se o característico das totalidades estruturadas é depender de suas leis de composição, elas são, portanto, estruturantes por natureza e essa constante dualidade ou, mais precisamente, bipolaridade de propriedades de serem sempre e simultaneamente estruturantes e estruturadas, é que explica, em primeiro, o sucesso dessa noção ... que assegura sua inteligibilidade através de seu próprio exercício. Ora uma atividade estruturante não pode consistir senão em um sistema de transformações.

Piaget (1979) ressalta que a condição limitativa já se encontra presente nos inícios saussurianos do estruturalismo lingüístico, e observa que Saussure (1974) falava apenas em *sistema* para caracterizar as leis de oposição e de equilíbrio sincrônico.

Dando prosseguimento às características da estrutura apresentada por Piaget (1979), resta abordar a terceira característica fundamental das estruturas, que é a de se regularem elas próprias, acarretando sua conservação e um certo fechamento; pois as transformações inerentes a uma estrutura não conduzem para fora de suas fronteiras e não engendram senão elementos pertencentes sempre às estruturas e que conservam suas leis. De acordo com Piaget (1979, p.15),

Esses caracteres de conservação com estabilidade das fronteiras, apesar da construção indefinida de novos elementos, supõem, por conseguinte, uma auto-regulação das estruturas e essa propriedade essencial reforça, sem dúvida alguma, a importância da noção e as

esperanças que suscita em todos os domínios porque, quando se consegue reduzir um certo campo de conhecimentos a uma estrutura auto-reguladora, tem-se a impressão de se entrar na posse do motor do sistema. Essa auto-regulação se efetua, aliás, segundo procedimentos ou processos diversos, o que introduz a consideração de uma ordem de complexibilidade crescente e reconduz, por conseguinte, às questões de construção e, definitivamente, de formação.

A noção de estrutura apresentada por Piaget (1979) traz à tona a compreensão de uma estrutura fechada, ou seja, que realiza movimentos internos e que se auto-sustenta. Reconhecemos a importância das teorizações de Piaget (1979) no que se refere ao estudo das estruturas e à delimitação dessa noção. No entanto, não podemos perder de vista que a intenção em buscar um conceito de estrutura em Piaget não se deve somente à propriedade com que esse autor trata a questão da noção de estrutura e o próprio movimento estruturalista, mas pelo fato de que essa noção apresentada por Piaget constitui a base das teorias de alfabetização que têm a Psicologia, sobretudo a Psicologia Desenvolvimentista, como a ciência que sustenta os métodos e processos de alfabetização.

Com base na constatação de que o termo *estrutura* e, conseqüentemente, o estruturalismo adquiriu nos diversos campos do conhecimento interpretações diferenciadas, que trazem consigo concepções

também diversas em relação à noção de sujeito, linguagem e processo de aquisição do conhecimento, recorreremos às teorizações de Piaget (1979) e buscaremos em Deleuze (1974) as discussões que esse autor faz em relação à noção de estrutura, e pretendemos ainda dar continuidade à discussão iniciada no primeiro capítulo deste trabalho com Derrida (1991) sobre a constituição da noção de estrutura, pois este autor coloca em questão o conceito de estrutura fechada, inteiramente acabada como arcabouço do texto, com base na relação representação/sentido, imprimindo o que ele denomina de escritura

O padrão de cientificidade instaurado pelo estruturalismo produziu, nos diversos campos do saber, efeitos diferenciados. Por essa mesma razão, essa abordagem está sempre sujeita a efeitos ora favoráveis, em razão da pluralidade de seu alcance conceitual, ora desfavoráveis, em decorrência de reducionismos, pois o estruturalismo não delimitou fronteiras, embora não tenha florescido com a mesma intensidade e com o mesmo rigor científico nas diversas áreas do conhecimento que se estendeu. De acordo com Deleuze (1974), pensadores bem diferentes e de gerações distintas, nos mais diversos campos do conhecimento serviram-se da abordagem estruturalista. E cada área do conhecimento encontra problemas, métodos e soluções que têm relações de analogia. Portanto, encontram uma base comum que orienta e dá sustentação a cada tratamento específico.

O estruturalismo adquire grandes proporções na escala das ciências humanas, na evolução da Lingüística, com Ferdinand Saussure, apesar do termo *estrutura* aparecer apenas em três ocasiões do *Curso de Lingüística Geral* (1974). Sobretudo a Escola de Praga, com Troubetzkoy e Jakobson, difundiu o uso dos termos estrutura e estruturalismo.

O estruturalismo adquire, na Lingüística, um sentido diverso das outras ciências humanas, pois parece usual que o termo estrutura se refira à língua, à sua possibilidade de classificação. Portanto, o estruturalismo em Lingüística não deve introduzir a noção de estrutura, uma vez que é tão antiga quanto a história da razão.

Com Saussure (1974), a Lingüística ganha objeto específico, a língua, conceituada por ele como um *sistema de signos*. Essa organização interna da língua, por sua vez, é chamada por ele de sistema. O termo estrutura só será utilizado por seus sucessores.

O método de análise da língua assim definido, é o estrutural, que concedeu à Lingüística a posição de ciência-piloto das ciências humanas. A introdução da dimensão sincrônica no estudo da língua marca a visão estruturalista em Lingüística; então faz-se necessário considerar que o estudo da língua não pode ser reduzido a uma perspectiva puramente diacrônica, pois a história de uma palavra não permite dar conta de sua significação presente, pois depende do *sistema* da língua.

Entretanto, a intenção deste trabalho não se constitui na descrição do *Curso de Lingüística Geral* (1974) de Saussure, embora constantemente se remeta a ele, pelo fato de que interessa, particularmente um retorno a Saussure com a leitura que dele fazem Lacan (1966) e Derrida (1973), que têm, é claro, o próprio pensamento de Saussure na base.

Em Saussure (1974) o conceito de estrutura pode ser depreendido da noção de sistema, embora ele não evidencie preocupações em elaborar um conceito de estrutura. Saussure fundou o estruturalismo, não por ter descoberto a existência de alguma ordem ou princípio, mas por ter proposto a prioridade do sistema sobre os elementos, a prioridade do lugar e da posição sobre a matéria. Portanto, pode-se considerar que o estruturalismo em Saussure (1974) seja a teoria do valor e não a dupla face do signo. Embora, de acordo com Milner (1987) em *O amor da língua*, a teoria do signo seja fundamental para Saussure na construção da teoria do valor, para Milner uma contém a outra, ou seja, a teoria do valor só é possível porque contém a do signo.

Para Saussure (1974,p.139),

Tudo o que precede equivale a dizer que na língua só existem diferenças. E mais ainda : uma diferença supõe em geral termos positivos entre os quais ela se estabelece, mas na língua há apenas diferenças sem termos positivos. Quer se considere o significado,

quer o significante, a língua não comporta nem idéias nem sons preexistentes no sistema linguístico, mas somente diferenças conceituais e diferenças fônicas resultantes desse sistema. O que haja de idéia ou matéria fônica num signo importa menos que o que existe ao redor dele nos outros signos. A prova disso é que o valor de um termo pode modificar-se sem que se lhe toque quer no sentido quer nos sons, unicamente pelo fato de um termo vizinho ter sofrido uma modificação.

Contrariamente à tradição em Lingüística, o signo para Saussure (1974) não fazia apelo `a noção de representação e, distante do paradigma da representação, o estruturalismo pôde avançar, declarando que o signo assegura sua sobrevivência na língua graças aos outros signos. O signo, para Saussure (1974) não representa a coisa, embora o jogo de suas unidades implique falar delas. Isso não significa, no entanto, que haja uma relação direta com o objeto, pois o signo é igual ou está no lugar do objeto, e, para reforçar essa não-representatividade do signo. Saussure (1974) descreve os princípios que definem a relação de união entre significante (imagem acústica) e significado (conceito).

Segundo Saussure (1974, p.81-82) não há um laço natural ou de identidade entre significante e significado,

A idéia de “mar” não está ligada por relação alguma interior à sequência de sons m-a-r que lhe serve de significante; poderia ser representada igualmente bem por outra sequência, não importa qual; como prova, temos as diferenças entre as línguas e a própria existência de línguas diferentes : o significado da palavra francesa bocuf (boi) tem por significante b-o-f de um lado da fronteira franco-germânica, e o-k-s (ochs) de outro.

Saussure introduz na Lingüística a divisão clássica *langue e parole* e provoca um deslocamento do objeto da Lingüística.

Pêcheux (1969,p.61) ensina que ,

a ciência clássica da linguagem pretendia ser ao mesmo tempo ciência da expressão e ciência dos meios desta expressão, e o estudo gramatical e semântico era um meio a serviço de um fim, a saber a compreensão do texto; da mesma forma que, no próprio texto, os “ meios de expressão” estavam a serviço do fim visado pelo produtor do texto (a saber: fazer compreender).

Desse momento em diante, vamos nos deter especificamente no estruturalismo de Saussure (1974) que interessa mais a este trabalho.

Nesse sentido, a Lingüística pode ser dividida em *antes de Saussure* e *depois de Saussure*, pois, de acordo com Pêcheux (1969,p.62) a partir do momento em que a língua deve ser pensada como um sistema,

deixa de ser compreendida com tendo a função de exprimir sentido; ela torna-se um objeto do qual uma ciência pode descrever o **funcionamento**. (grifos do autor)

Podemos perceber a importância das teorizações de Saussure para a Lingüística no que se refere à conceituação de uma ordem própria da língua, ou seja, da possibilidade de tomar a língua como objeto de estudo.

Merleau-Ponty comenta esta revolução saussureana :

O que aprendemos com Saussure é que os signos, um por um, nada significam, que cada um deles exprime menos um sentido do que assinala uma diferença de sentido entre ele próprio e os outros. (...) O essencial da demonstração (do CLG) consiste em fundamentar o arbitrário do signo, em mostrar que a língua é um sistema de valores constituído não por conteúdos ou produtos de uma vivência, mas por diferenças puras.

Portanto, está implícito na postulação do vínculo arbitrário entre o significante e o significado, entre imagem acústica e o conceito, e a relação, por oposição ou diferença pura, entre um signo e outros que compõem um sistema, a língua ser vista como um sistema autônomo, fechado em si mesmo. Isto está implícito no corte operado por Saussure (1974) com a noção de sincronia, que privilegia o sistema, em contraposição à Filologia, noção de diacronia.

Logo, a este trabalho interessa a leitura que Lacan (1966) fez de Saussure, ou como diz Lemos (1995) : “Quem é o Saussure de que fala Lacan? ou Quem é o Saussure por quem fala Lacan ?”. O próprio Lacan (1996,p.227) que assinala :

Para analisar a emergência da disciplina lingüística, diremos que ela se origina, como é o caso de toda ciência no sentido moderno, no momento constituinte de um algoritmo que a funda. Esse algoritmo é o seguinte :

$$\frac{S}{s}$$

O signo assim escrito, merece ser atribuído a Ferdinand de Saussure, embora ele não se reduza estritamente a essa forma em nenhum dos numerosos esquemas sob os quais aparece na impressão das lições diversas dos três cursos dos anos 1906-07, 1908-09, 1910-11, que a devoção de um grupo de discípulos seus reuniu sob o nome de Curso de Lingüística Geral: publicação primordial para transmitir um ensinamento digno deste nome, isto é, que não se pode deter senão no seu próprio movimento.(...) A temática desta ciência fica, efetivamente, desde então, suspensa à posição primordial do significante e do significado, como duas ordens distintas e separadas inicialmente por uma barreira resistente à significação.

Com essas palavras Lacan relata a importância das formulações de Saussure (1974), alertando a necessidade de remetê-la para além daquilo que

se encontra organizado no Curso por seus discípulos. As palavras de Lacan são esclarecedoras “ *seu ensinamento é da ordem do que não se pode deter senão em seu próprio movimento*”

O Saussure de que nos fala Lacan, portanto, não é o Saussure que a Lingüística divulga, aquele que aparece nos manuais introdutórios dos estudos lingüísticos, para o qual é atribuída uma teoria do signo e uma noção de sistema.

Parece surgir aí uma divisão: o Saussure da Lingüística e o Saussure da Psicanálise. No entanto, essa divisão, de acordo com Lemos (1995) encontra expressão em seus leitores oficiais, Gadet e Pêcheux (1981), os quais a remetem a uma divisão interna na obra de Saussure *apud* Lemos, 1995b, p 3):

Au nom de Saussure, les linguistes se divisent, parce que Saussure lui-même porte cette division, que s’image dans la dichotomie facile opposant le Saussure du Cours de Linguistique Générale (d’autant plus clair et froid qu’il est commenté d’après la lecture des éditeurs) à celui des Anagrammes (où rôde l’obscur folie du décryptage, des associations cachées dans les vers saturniens)³

³ Na língua portuguesa: “Em nome de Saussure, os linguístas dividem-se, porque o próprio Saussure carrega essa divisão que se imagina na dicotomia opondo o Saussure do Curso de Linguística Geral (tanto mais claro e frio que é comentado após a leitura dos editores) à dos Anagramas (no qual desempenha a obscura loucura, das associações escondidas nos versos saturnianos)

Essa divisão na obra de Saussure constitui-se como uma tensão em seu interior , segundo Gadet e Pêcheux (1981), de um Saussure do dia e de um Saussure da noite.

De acordo com Lemos (1995) o que está em jogo na obra de Saussure refere-se à definição de língua no curso em relação ao que é língua, ou seja *um sistema que conhece somente sua ordem própria* (1974,p31) . Portanto, o reconhecimento de uma ordem própria da língua, significaria excluir dela tanto o individual como o social. “O signo escapa sempre, em certa medida, à vontade individual ou social, estando nisso o seu caráter essencial” (Saussure,1974,p.25)

A obra de Saussure discute muito mais do que os efeitos de exclusão que advêm do reconhecimento de uma ordem própria da língua, a noção de signo como unidade da língua, renovada pela teoria do valor do mesmo Saussure, que descreve a língua como um sistema de relações, em que cada unidade só se define com as demais, quando se combinam.

Assim, o valor dos termos lingüísticos não se encontra fixado *a priori*, pois só será definido na relação com outro termo como assinala Saussure (1974,p.139).

Tudo o que precede equivale a dizer que na língua só existem diferenças. E mais ainda: uma diferença supõe em geral termos positivos entre os quais ela se estabelece, mas na língua há apenas

diferenças sem termos positivos. Quer se considere o significado, quer o significante, a língua não comporta nem idéias nem sons preexistentes no sistema lingüístico, mas somente diferenças conceituais e diferenças fônicas resultantes deste sistema. O que haja de idéia ou de matéria fônica num signo importa menos que o que existe ao redor dele nos outros signos. A prova disso é que o valor de um termo pode modificar-se sem que se lhe toque quer no sentido quer nos sons, unicamente pelo fato de um termo vizinho ter sofrido modificação.

Com base na compreensão do funcionamento da linguagem inaugurada por Saussure na segunda parte de sua obra *Curso de Lingüística Geral*, isto é a relação de valor entre os termos da linguagem, estão fundadas as concepções sobre os processos metafóricos e metonímicos. De acordo com Milner (*apud* Mota, 1995, p.46),

metáfora e metonímia dão às relações paradigmáticas e sintagmáticas (relações entre as unidades propostas por Saussure) um papel de leis de composição interna da linguagem, na medida em que trazem à luz o efeito dessa relações, isto é, que da composição de dois termos se produz um terceiro. Na base desta afirmação, parece estar o conceito de metáfora como figura em que a relação entre o termo manifesto e o termo latente (ou substituto produz um sentido que não coincide com nenhum dos dois e o ultrapassa).

Apoiando-se nas idéias de relações sintagmáticas e paradigmáticas de Saussure e Jakobson, estabelece as leis gerais da linguagem: a metáfora e a metonímia.

De acordo com Jakobson (1988,p.272), só há estrutura se existe linguagem. E por assim dizer,

só há estrutura do inconsciente, na medida que o inconsciente fala e é linguagem. Só há estrutura dos corpos na medida em que se julga que os corpos falam com uma linguagem que é a dos sintomas. As próprias coisas só têm estruturas na medida em que mantêm um discurso silencioso, que é a linguagem dos signos.

Com razão, a Lingüística apresenta-se como iniciadora do estruturalismo. Logo, o estruturalismo estende-se a outros domínios do conhecimento, portanto não se trata simplesmente de analogias.

Deleuze (1974) aponta como necessária para o reconhecimento do método estruturalista a consideração de emergência de uma terceira ordem além do real e do imaginário, o simbólico.

A inclusão da terceira ordem, proporcionada pela abordagem estruturalista, opera o afastamento da visão dialética estabelecida entre real e imaginário pela filosofia clássica, uma vez que essa relação sustenta-se na noção clássica de representação, ou seja, real e imaginário relacionam-se pela

representabilidade do real pelo imaginário, suposto saber. Vê-se então a presença da noção clássica de representação como cópia da realidade. De acordo com Deleuze (1974, p.272-273),

Mesmo quando a filosofia clássica fala da inteligência ou do entendimento puros, trata-se ainda de uma faculdade definida por sua aptidão a apreender o real em seu fundo, o real *em verdade*, o real tal qual ele é, por oposição, mas também por relação aos poderes da imaginação.

O momento em que emerge o simbólico, tal como mostra o algoritmo saussureano, é caracterizado pela recusa de confundir o simbólico com o imaginário e com o real. Portanto, nesse momento, constitui-se o que se chama de estruturalismo. Ou ainda, que se reconheça que as coisas do mundo não possuem uma essência em si, mas que são percebidas / representadas em seus diversos elementos relacionados entre si e com as demais coisas do mundo em um movimento de *sobredeterminação*.

A representação simbólica não pode se definir por realidades preexistentes, nem por conteúdos imaginários ou conceptuais que implicam, e que lhe oferecem uma significação. Na estrutura, não há senão um sentido, que advém de jogo de posições, de locais e de lugares ocupados pelos elementos em um espaço propriamente estrutural, isto é, topológico. Portanto,

o sentido resulta sempre da combinação de elementos que são eles próprios significantes. O sentido é sempre um efeito, um *efeito de óptica*, um efeito de linguagem, um efeito de posição, ou seja, um efeito de sentido. Depreende-se esse efeito nas palavras do poeta Manuel de Barros,

O rio fazia uma volta atrás de nossa casa era a imagem de 7um vidro mole que fazia uma volta atrás da casa. Passou um homem depois e disse: essa volta que o rio faz por trás de sua casa se chama enseada. Não era mais a imagem de uma cobra de vidro que fazia uma volta atrás da casa. Era uma enseada. Acho que o nome empobreceu a imagem.

Como dito anteriormente, recorreremos às formulações de Deleuze (1974) porque parecem iluminar a análise estrutural que visamos neste trabalho. Sabemos que esse autor, ao longo de sua obra, constituiu uma perspectiva sua, bastante singular, de estruturalismo.

Segundo Deleuze (1974,p.273) tudo começou com Saussure,

para além da palavra em sua realidade e em suas partes sonoras, para além das imagens e dos conceitos associados às palavras, o lingüista estruturalista descobre um elemento de natureza completamente diferente, objeto estrutural.

No entanto, os critérios que apontam o desenvolvimento de uma análise estrutural podem ser tomados como uma orientação mais geral que pode ser útil por ser compatível com a idéia de *leis gerais da linguagem*.

O primeiro desses critérios refere-se ao reconhecimento da ordem simbólica. Em momentos anteriores, expusemos a importância do reconhecimento do simbólico, além do real e do imaginário, como o primeiro critério do estruturalismo. A posição do simbólico é irreduzível ao real, bem como ao imaginário.

Jacques Lacan, em psicanálise, descobre um terceiro, o simbólico, ou seja, com base no simbólico as relações se constituem. Para Deleuze (1974, p.274) em Lacan, o simbólico como elemento da estrutura está no princípio de uma gênese:

a estrutura se encarna nas realidades e nas imagens segundo séries determináveis; mais ainda, ela as constitui encarnando-se, mas não deriva delas, sendo mais profunda que elas, subsolo para todos os solos do real como para todos os céus da imaginação.

Buscamos o segundo critério apresentado por Deleuze (1974), isto é, verificar em que consiste o elemento simbólico da estrutura.

Deleuze (1974,p.276) assinala inicialmente que o segundo elemento simbólico se distingue “ do real e do imaginário, ele não pode definir-se nem por realidades pre-existentes às quais remeteria, e que designaria, nem por

conteúdos imaginários ou conceptuais que ele implicaria, e que lhe dariam uma significação”. Entretanto, não se trata de um local em uma extensão real, nem de lugares em extensões imaginárias, mas de locais e de lugares em um espaço propriamente estrutural, topológico. Em se tratando da abordagem estruturalista, a posição do elemento no sistema fornece o sentido. Os locais, em um espaço puramente estrutural, são inicialmente relativos às coisas e aos seres reais que vêm ocupá-los.

Se no estruturalismo o efeito de sentido é produzido pela posição, ou seja, pela combinação de locais na estrutura, pode-se assemelhar o movimento da estrutura ao jogo. Em Lacan, segundo Deleuze (1974), a metáfora de jogos são mais do que metáforas: não somente o coringa que corre na estrutura, mas o local do morto que circula no *bridge*.

No estabelecimento do segundo critério, Deleuze (1974) resume a questão da topologia na fórmula célebre: *pensar é jogar os dados*. Entretanto, essa fórmula remete às singularidades representadas pelos pontos brilhantes sobre os dados, introduzindo o terceiro critério do estruturalismo que se refere ao diferencial e ao singular, e o jogo estrutural dá-se com base nesses dois aspectos; um sistema de relações diferenciais segundo as quais os elementos simbólicos se determinam reciprocamente e um sistema de singularidades que corresponde a essas relações e traça o espaço da estrutura. Toda estrutura é uma multiplicidade. O que mantém e sustenta o elemento no sistema é a

diferença em relação aos outros elementos, dependendo assim fundamentalmente dos lugares que ocupam.

Embora esses elementos não tenham nem existência, nem valor, nem significação, esse processo, de uma determinação recíproca no interior da relação, permite definir a natureza simbólica.

Deleuze (1974) formula a seguinte questão: há estrutura em qualquer domínio? Neste ou naquele domínio, podem-se extrair elementos simbólicos, relações diferenciais e pontos singulares que lhe são próprios? E ele mesmo responde (1974,p.281):

os elementos simbólicos encarnam-se nos seres e objetos reais do domínio considerado; as relações diferenciais atualizam-se nas relações reais entre esses seres; as singularidades são outros tantos lugares na estrutura, que distribuem os papéis ou atitudes imaginários dos seres ou objetos que vêm ocupá-los.

Portanto, segundo Deleuze (1974), não se trata de metáforas matemáticas, pois em cada domínio é preciso descobrir os elementos, as realidades e os pontos.

Deleuze (1974,p.283) apresenta o quarto critério, o diferenciante, a diferenciação, discutindo a questão de que as estruturas são necessariamente inconscientes, em virtude de elementos, relações e pontos que as

acompanham: Extrair a estrutura de um domínio é determinar toda uma virtualidade de coexistência que preexiste aos seres, aos objetos e às obras desse domínio. Toda estrutura é uma multiplicidade de coexistência virtual.

O papel diferenciador que se imprime à estrutura pode ser afirmado ao se reconhecer que a estrutura é, em si mesma, um sistema de elementos e de relações diferenciais, mas também diferencia as espécies e as partes, os seres e as funções nas quais se atualiza. Ela é diferencial em si mesma, e diferenciadora em seu efeito.

Para Deleuze (1974, p.286) , “As estruturas são inconscientes sendo necessariamente recobertas por seus produtos ou efeitos (...) Não podemos ler, encontrar, reencontrar as estruturas senão a partir desses efeitos.” O sistema virtual de que fala Deleuze se diferencia no momento em que se atualizam certas relações, ou seja, a estrutura é inconsciente.

Ao abordar o caráter serial da estrutura, Deleuze constata que toda estrutura é serial, multisserial e que não funcionaria sem essa condição, ou seja, os elementos distribuem-se em séries.

De acordo com Deleuze (1974) o inconsciente de Lacan não é individual nem coletivo, mas intersubjetivo, ou seja, implica um desenvolvimento em séries, não somente o significante e o significado, mas, no mínimo, as duas séries organizam-se de maneira bastante variável, segundo o domínio considerado.

Deleuze refere-se à teorização de Lacan⁴ sobre o episódio da *carta roubada* de Edgar A. Poe, em que Lacan discute a questão do jogo na estrutura, mostrando como a *estrutura* coloca em cena duas séries cujos lugares são ocupados por sujeitos variáveis. De acordo com Deleuze (1974,p.290),

É evidente que a organização das séries constitutivas de uma estrutura supõe uma verdadeira encenação, e exige em cada caso avaliações e interpretações precisas. Não há absolutamente regra geral; tocamos aqui num ponto em que o estruturalismo implica ora uma verdadeira criação, ora uma iniciativa e uma descoberta que não deixam de apresentar riscos. A determinação de uma estrutura não se faz somente por uma escolha dos elementos simbólicos de base e das relações diferenciais em que elas entram; também não se faz somente por uma repartição dos pontos singulares que lhes correspondem; mas ainda pela constituição de uma segunda série, ao menos, que mantém relações complexas com a primeira.

A discussão proposta por Deleuze (1974,p.290) não determina a identificação dos termos da estrutura um a um, pois desta forma se recairia no estado de uma figura da imaginação: “Os termos de cada série são inseparáveis em si mesmos das defasagens ou deslocamentos que sofrem

⁴ Lacan, Jacques. *Ecrits* (1996)

relativamente aos termos da outra; portanto, são inseparáveis da variação das relações diferenciais.”

Para Deleuze (1974) o deslocamento relativo das duas séries não é absolutamente secundário, mas sim estrutural ou simbólico, pois “pertence essencialmente aos lugares no espaço da estrutura e comanda assim todas as dissimulações imaginárias dos seres e objetos que vêm secundariamente ocupar esses lugares.”

O episódio da *carta roubada* demonstra a relação de que fala Deleuze: rei que não vê a carta, e rainha que se alegra por tê-la tanto melhor ocultado quanto a deixou em evidência, o ministro que vê tudo e que toma a carta (primeira série); a polícia que nada encontra na casa do ministro; o ministro que se alegra por ter tanto melhor ocultado a carta quanto a deixou em evidência, Dupin, que tudo vê e que retoma a carta (segunda série)⁵.

Ao fazer referência à análise de Lacan ao episódio acima mencionado Deleuze (1974) aponta a importância que o estruturalismo confere à metáfora e à metonímia, não como figuras de imaginação, mas como fatores estruturais, que exprimem os dois graus de liberdade do deslocamento, de uma série a outra e no interior de uma mesma série.

Permanece para nós o questionamento do que seriam esses deslocamentos, uma vez que fazem parte da estrutura.

⁵ Lacan, Jacques. *Ecrits*, p.18

Deleuze (1974) nos fala da casa vazia, referindo-se à carta do episódio da *carta roubada* como um objeto *eminente* simbólico, eminentemente por não pertencer a nenhuma série em particular, mas sim por estar presente nas duas séries, por percorre-las e nelas mover, não cessando de circular de uma a outra, com uma agilidade extraordinária. Para Deleuze esse objeto é *sua própria* metáfora e *sua própria* metonímia. No caso da *carta roubada*, as séries são constituídas de termos simbólicos e de relações diferenciais. O objeto, porém, parece ter outra natureza, como assinala Deleuze (1974,p.291):

Com efeito, é em relação a ele que a variedade dos termos e a variação das relações diferenciais são determinadas de cada vez. As duas séries de uma estrutura são sempre divergentes (em virtude das leis da diferenciação). Mas esse objeto singular é o ponto de convergência das séries divergentes enquanto tais. Ele é **eminentemente** simbólico, mas justamente porque é imanente às duas séries ao mesmo tempo. (grifos do autor)

A natureza do objeto é precisada por Lacan (1996) “ ele está sempre deslocado em relação a si mesmo. Tem por propriedade não estar onde é procurado, mas, em contrapartida, ser encontrado onde não está.” Em outra passagem , Lacan esclarece:

Aquilo que é oculto não é jamais senão aquilo que falta a seu lugar, como se exprime a ficha de pesquisa de um volume quando está extraviado na biblioteca. Com efeito, ainda que este estivesse sobre a prateleira ou sobre a ' casa' (case) ao lado, ele se ocultaria, por mais visível que parecesse. Pois só podemos dizer literalmente que isto falta a seu lugar, daquilo que pode mudar de lugar, isto é, do simbólico. Porque, para o real, qualquer que seja o transtorno que possamos trazer-lhe, ele está sempre e em todo caso presente, traz este lugar colado à sua sola, sem nada reconhecer que possa exilá-lo daí . (grifos do autor)

Em uma aproximação com o jogo, podemos perceber que os jogos necessitam da casa vazia, sem o que nada avança. É o que Lacan, segundo Deleuze (1974, p.294) denomina o *lugar do morto no bridge*.

A discussão de Deleuze em relação aos últimos critérios de reconhecimento do estruturalismo apresenta novamente a questão da casa vazia, acrescida da discussão de um preenchimento simbólico primário da estrutura, ou mesmo de ocupação de lugares na estrutura.

Deleuze (1974,p.299) diz que “há um preenchimento simbólico primário, antes de todo preenchimento ou de toda ocupação secundária por seres reais.” Nesse ponto, Deleuze diz ter reencontrado o paradoxo da casa vazia, porque esta é o único lugar que não pode e não deve ser preenchida, nem mesmo por um elemento simbólico. E continua (1974,p.299) “Ela deve guardar a perfeição de seu vazio para deslocar-se com relação a si mesma, e para circular através dos elementos e das variedades de relações.”

Deleuze (1974,p.299) entende que o sujeito é a instância que segue o lugar vazio na estrutura e, recorrendo a Lacan, diz que ele é menos sujeito que assujeitado – “assujeitado à casa vazia, assujeitado ao falo e aos seus deslocamentos.”

Para Deleuze, o estruturalismo não é um pensamento que suprime o sujeito mas que o esmigalha e o distribui, que o faz passar de um lugar a outro, sujeito sempre nômade, fato de individuações, mas impessoais, ou de singularidades, mas pré-individuais.

Assim, Deleuze (1974,p.300) aponta dois grandes acidentes da estrutura na discussão do lugar vazio na estrutura:

Ou a casa vazia e móvel não é mais acompanhada de um sujeito nômade que sublinha seu percurso, e seu vazio torna-se uma verdadeira falta, uma lacuna; ou ela é, ao contrário, preenchida, ocupada por efeito de uma plenitude sedentária ou fixa. Poderíamos ainda dizer, em termos lingüísticos, ou que o **significante** desapareceu, que a onda do significado não encontra mais elemento **significante** que o meça, ou que o **significado** desvaneceu-se, que a cadeia do **significante** não encontra mais significado que a percorra : os dois aspectos patológicos da psicose. (grifos do autor)

Portanto, para Deleuze, há um movimento interno na estrutura, no qual real, o imaginário e suas relações sempre são engendrados

secundariamente pelo funcionamento da estrutura. E essas relações não vêm de fora, mas acontecem no interior da própria estrutura.

Há o reconhecimento do lugar vazio na estrutura, irreduzível ao sistema binário. Há uma falta nesse lugar. Pode-se dizer que esse último critério apresentado por Deleuze (1974) traz uma certa originalidade em seu pensamento, uma vez que se difere bastante dos demais .

O simbólico, como se vê, entretém com o imaginário uma fronteira em que o imaginário tende a refletir e a reagrupar em cada termo o efeito total de um mecanismo de conjunto. Entretanto, a estrutura simbólica assegura a diferenciação .

Parece-nos fundamental, neste momento do trabalho, o questionamento que vem orientando as discussões em relação à questão da alfabetização analisada em suas bases teórico-epistemológicas. Que relação há entre a concepção de estrutura e a noção de representação? Em que esta relação modifica a compreensão do processo de aquisição da escrita?

Nesse sentido, recorreremos à discussão do estruturalismo em Lingüística, em sua relação com a noção de representação na Filosofia Clássica.

Com o entendimento de Saussure (1974) sobre a língua, e a utilização das categorias de metáfora e metonímia nas relações estabelecidas na teoria do valor, apropriamo-nos dessas formulações para falar do *jogo* que

se estabelece entre as partes do texto e a possibilidade de considerar o texto como significante, em que os termos só adquirem valor no jogo metaforonímico.

Barthes (1985, p.221) chega a dizer que “ com Saussure, ocorre uma mudança epistemológica: o analogismo toma o lugar do evolucionismo, a imitação substitui a derivação”.

Nesse sentido Barthes (1963), estabelece uma distinção em relação ao estruturalismo que não oculta as fronteiras disciplinares. De um lado, um estruturalismo científico tem como representante principal Claude Lévi-Strauss e Jaques Lacan, envolvendo ao mesmo tempo a Antropologia e a Psicanálise, de outro, um estruturalismo mais flexível, com o próprio Barthes, dentre outros, e, por último, um estruturalismo historicizado ou epistêmico, representado por Louis Althusser, Foucault, Jacques Derrida e outros. É interessante observar, acompanhando a linha de raciocínio de Barthes, que as diversas disciplinas das ciências humanas, que têm como referência os autores acima citados, como a Antropologia, a Lingüística, a sociologia e a psicanálise, encontram no estruturalismo o *porto seguro* de um modelo científico, distanciando-se do velho esquema determinista da causa e do produto.

Para Barthes o estruturalismo não é uma escola, pois os autores que, de certa forma, são denominados estruturalistas não se sentem ligados entre si

por uma solidariedade de doutrina ou de combate. No entanto, as Ciências Sociais recorrem a ele abundantemente e o uso da palavra não distingue ninguém, apenas serve para polemizar sobre o conteúdo que se deve dar. Portanto, o estruturalismo , para Barthes (1963, p.19-20)

Não chega a ser um léxico : “estrutura” é um termo já antigo (...) hoje em dia muito usado (...) funções, formas, signos e significações também não são mais pertinentes ; são hoje em dia palavras de emprego comum, a que se pede e de que se obtém tudo o que quiser e, designadamente, que disfarcem o velho esquema determinista da causa e do produto. É necessário, decerto, remontar a pares como os de significante – significado e sincronia – diacronia, para termos uma noção do que distingue o estruturalismo de outros modos de pensamento; o primeiro porque remete para o modelo lingüístico, de origem saussuriana, e porque, no estado atual das coisas, a lingüística é, ao lado da economia, a própria ciência da estrutura; o segundo, de uma maneira mais decisiva, porque parece implicar uma certa revisão da noção de história .

O estruturalismo de Barthes (1996,p.82) imprime uma outra concepção de linguagem e, conseqüentemente, de texto, que leva a uma compreensão de texto que vai dar em um deslizamento infinito:

Texto quer dizer Tecido; mas enquanto até aqui esse tecido foi sempre tomado por produto, por um véu todo acabado, por trás do qual se mantém, mais ou menos oculto, o sentido (a verdade), nós

acentuamos agora, no tecido, a idéia gerativa de que o texto se faz, se trabalha através de um entrelaçamento perpétuo, perdido neste tecido – nessa textura – o sujeito se desfaz nele, qual uma aranha que se dissolve ela mesma nas secreções construtivas de sua teia.

A literatura possui um campo bastante extenso de autores que se dedicaram a analisar as formulações teóricas de Saussure, uns defendendo-as e se apropriando das noções por ele construídas, outros a elas se opondo. No entanto, assumimos as idéias de Lacan no que se refere à leitura de Saussure, por considerarmos que essa discussão afeta diretamente a compreensão do processo de aquisição da escrita e, conseqüentemente, as análises por nós realizadas.

A investigação das relações entre a Psicanálise e a Lingüística ganha sentido somente depois de Lacan, porque a relação entre essas ciências é bastante complexa, pois se em um dado momento a Lingüística teve que se dissociar de qualquer influência psicológica para se constituir como ciência, ou seja, relegando a segundo plano a discussão em relação ao sujeito falante, a problemática do inconsciente instaurada na psicanálise por Freud, traz à tona a questão do sujeito na linguagem. Leite (1994) assinala: “O conceito de estrutura no campo dos estudos fonológicos em Lingüística remete à noção de um sistema constituído de unidade formais opositivas e delimita um campo

pela exclusão preliminar de toda relação que um sujeito entretém com sua palavra.”

Logo, as postulações teóricas de Lacan (1996), inauguram uma nova etapa na compreensão do pensamento de Saussure, pois o espaço rejeitado pela Lingüística, o do real e do sujeito, vem constituir a especificidade do campo da Psicanálise. A Lingüística trabalha, especificamente, as noções de regularidade e repetição, aparecendo como um sistema fechado em si mesmo, descartando o contingente, o diferente, características inerentes à própria noção de sujeito.

Lacan (1996) encontra na Lingüística, cujo modelo é o jogo combinatório operando sozinho, de maneira pré-subjetiva, a estrutura que dá seu estatuto ao inconsciente.

O paradigma estrutural, no entanto, imprime sua marca nas teorizações de Lacan ao apresentar o mínimo de significantes (S1 e S2), ou seja, um significante que remete sempre a outro significante (a estrutura em cadeia), ou ao conjunto de significantes quando Lacan recorre a Saussure, para referir-se ao eixo das relações associativas (tesouro da língua/tesouro dos significantes).

1.3 O jogo do dentro e fora: o estruturalismo na psicanálise francesa

Os textos dos adolescentes e jovens causaram inquietação justamente pelo diferente e pela impossibilidade de descartá-lo. Apoiamo-nos nas teorizações de Lacan constatando que há algo mais que se pode dizer da escrita do que conformar-se às postulações teóricas que a caracterizam como mera representação da fala ou que excluem o sujeito do processo de constituição dessa escrita. E ainda porque a noção de estrutura que se encontra como pano de fundo dessas teorizações apresenta-se insuficiente para dar conta da análise do dado que segue,

GLIANI, G. DI NOVENO DE 09 DE 1998

MAGONHA

ela não fás mau a saude porque ela fazas
deus fome, e fás mau a saude, na cabeça ela
decha paludética. Eu não gosto da magonha...

● PODEA NEM MORTE

ela suguiufica, que fás mau a saude
mas não e proibida mais e muito bom
para quem fuma, mais para uns
não presta, mais fás mau mau
com a melar os dois ~~do~~ fás muitos
mau...

magonha leite

O cigarro de luto que me fás mau
a saude magonha abaca e teorís.

Texto 1- escrito por G. em 09 de novembro de 1998

MAGONHA

ela não fás mau a saude porque ela fazas

dar fome, e fais mau a saude, na cabeça ela
decha palalitica Eu não gosto da magonha...

DROGA NEM MORTO

ela siguinifica que fais mau a saude
mais não e proibida maís e muito bom
para quem fuma maís para ums
mão presta, mais fais mais mau
com a mela os bois fais muitos
mau...
magonha laité
O cigarro de luxo que mo fais mau
a saude magonha abaxar o teorés.

Lemos (1995) auxilia a interpretação com a discussão da problemática em relação à aquisição da linguagem estabelecida pelas abordagens cognitivistas e funcionalistas, pois a teoria do valor impossibilita o acesso direto às coisas em si mesmas. Conforme o texto é visto como um significante, e os termos tomam valor na relação que se estabelece na estrutura de constituição do texto, há a possibilidade de análise estrutural, uma vez que a língua, em seu próprio funcionamento, não se deixa manipular, falhando com o sujeito, pois como *sistema de puras diferenças*, não se deixa apreender por meio de mecanismos puramente perceptuais. De acordo com Derrida” (1995, p.245) “O movimento da significação acrescenta alguma

coisa, o que faz que sempre haja mais, mas esta adição é flutuante porque vem substituir, suprimir uma falta do lado do significado ”

Isso implica necessariamente uma subversão da noção de estrutura tal como concebida pela Lingüística e, portanto, a inclusão do real no campo discursivo da ciência, como afirma Leite (1994), pois, para a Lingüística, a estrutura apresenta-se coerente, sem contradição e completa.

Entretanto, é necessário afirmar com Lacan (Lacan, *apud* Leite, 1994, p.48) a compreensão que se tem de real nesta concepção:

Sem dúvida o real de que se trata não deve ser tomado no sentido em que o compreendemos habitualmente, implicando a objetividade, confusão que sem para se faz nos escritos analíticos. O subjetivo aparece no real na medida que supõe que temos à nossa frente um sujeito capaz de se servir do significante, do jogo do significante. E capaz de servi-se dele como nós nos servimos – não para significar algo, mas precisamente para enganar sobre o que se tem de significar. É utilizar o fato de que a significação, por apresentar um significante que engana.

A Psicanálise, ocupa-se da relação do sujeito com sua palavra, pois a descoberta freudiana dispensa considerável importância para a atuação do jogo metaforonímico no inconsciente, então, a estrutura refere-se àquilo que coloca uma experiência para o sujeito que ele inclui.

Para Lacan o inconsciente é estruturado como uma linguagem, tendo em vista que tem em comum com essa o jogo metaforonímico. Logo, essa é uma linguagem singular, pois coloca em jogo o que falta ao sujeito, como assinala Leite (1994, p.49):

A singularidade da linguagem do inconsciente consistiria então no fato de aí os mecanismos de metáfora e metonímia realizarem a conexão do sintoma com o desejo para um sujeito, o que se realiza pela via do Édipo enquanto estrutura responsável pela entrada do sujeito na ordem simbólica.

A linguagem é condição do inconsciente, revelando o que Freud chamou de sobredeterminação simbólica dos fenômenos psíquicos, ou seja, um mesmo elemento do sonho manifesto pode remeter a séries de pensamentos latentes diferentes.

A noção de estrutura intervém em Freud desde *A interpretação dos sonhos* (1900),

Os dois sistemas psíquicos, a censura que os separa, o fato de uma atividade inibir a outra, unir-se a ela, as relações das duas com a consciência _ ou tudo o que uma interpretação mais exata poderá descobrir em lugar disso _, tudo isso pertence à estrutura normal de nosso aparelho psíquico, e o sonho é uma das vias que se permito conhecê-lo.

A noção de estrutura constitui-se como central na obra de Lacan ao mesmo tempo que ela é referenciada à estrutura da linguagem, colocando-a como a estrutura à qual o inconsciente deve ser relacionado e, pois o próprio ato da linguagem faz advir o inconsciente e o lugar em que ele se exprime.

A discussão da noção de estrutura em Lacan implica a escolha da topologia como a via privilegiada para apreender o conceito de estrutura, tal como fora concebido por esse autor.

A noção de estrutura em Psicanálise decorre da ruptura que se produz com o saber, no reconhecimento da emergência do inconsciente como um saber próprio, singular, que não sabe de si, considerando pois, o entrelaçamento do real, simbólico, imaginário como constituintes da estrutura, dando lugar a um sujeito.

De acordo com Leite (1994), uma das conseqüências da subversão operada no conceito de estrutura com a inclusão do sujeito revela-se das distorção nas leis que regem a estrutura. Portanto, a estrutura em Psicanálise comporta um logro, que toma o lugar da falta, levando o sujeito ao equívoco.

Nesse sentido, o conceito de estrutura em Psicanálise só se constitui pela inclusão do sujeito, mas não de um sujeito da consciência que o estruturalismo expulsou da estrutura, mas o sujeito do inconsciente, como diz Lacan.

A Psicanálise, em sua vertente lacaniana, tem tomado como alvo o sujeito, ocupando-se da desconstrução da idéia de um sujeito da consciência, uno, auto-idêntico, possuidor de linguagem. Segundo Garcia-Roza, 1996,p.23) “ a psicanálise não vai colocar a questão do sujeito da verdade, mas a questão da verdade do sujeito.”

A relação sujeito-estrutura, longe de ser uma relação tranqüila, sofreu, ao longo da história da civilização, consideráveis embates e enfrentamentos. Mesmo durante o auge do estruturalismo considerou-se a subjetividade muitas vezes incompatível com a noção de estrutura. Referimo-nos anteriormente à exclusão do sujeito pela Lingüística, visto que a estrutura parece excluir a própria possibilidade da existência de um sujeito e, a emergência da subjetividade representa uma ameaça à posição estruturalista. Entretanto, é importante salientar que a subjetividade de que trata a Psicanálise não está do lado daquele que fala, mas é algo que se reencontra no real.

Jacques Lacan (1953), em seu retorno a Freud, no começo dos anos 50, introduz a palavra sujeito. Trata-se de um sujeito singular, original, fragmentado na referência à pulsão e às identificações, no entanto, distanciado da representação da Filosofia Clássica. Lacan realiza um deslocamento de sua teorização do imaginário para o simbólico e para o real, desembocando no nó

borromeano, no qual o real, o simbólico e o imaginário nodulam-se em uma representação da *estrutura do sujeito*.

É importante salientar que a utilização que Lacan faz do termo sujeito se dá em virtude da necessidade de esvaziamento da noção de subjetividade, pois trata da constituição do sujeito pela via do significante. Segundo Vallejo e Magalhães *apud* Valença, (1996,p.69), Lacan afirma

que é impossível suprimir do contexto analítico a noção de subjetividade, o que se deve fazer é explicitar a transformação da noção de subjetividade realizada por Freud, sendo que complementarmente ao desenvolvimento do inconsciente há uma transformação da noção tradicional de sujeito, por isso há nos *Ècrits* (de Lacan) referência a Revolução copernicana exercida por Freud : tal revolução consiste em postular a subordinação de um sujeito a uma estrutura que o determina e por outro lado marcar o sujeito fendido.

A estrutura, portanto, constitui-se em um grupo de elementos, justificando seu aspecto sincrônico. A inserção do sujeito da palavra, falante, na estrutura da linguagem, revela a dimensão diacrônica da estrutura. A introdução dessa dimensão na estrutura sincrônica promove, portanto, a logicidade de um tempo retroversivo, constituído por um efeito de regressão que a estrutura impõe a um sujeito que dela é efeito. Nas palavras de Leite (1994,p.57),

A introdução necessária da diacronia na sincronia aponta, no entanto, para um paradoxo, na medida em que afirma que no conjunto dos significantes tomado sincronicamente não falta nenhum elemento, concomitantemente à afirmação de que, no plano da remissão em cadeia dos significantes, há uma falta. Ao Outro, tomado aqui como tesouro dos significantes, falta. A escrita do matema $S(A)$ revela justamente este fato, naquilo que nos indica que a falta de significante no Outro corresponde o Falo (o) como símbolo que funciona como significante irreduzível, aquele na falta do qual nenhum significante poderia representar o sujeito para outro significante. O Falo funciona assim como operador indispensável na constituição da ordem simbólica quando se pensa a estrutura incluindo necessariamente um sujeito.

Para Lacan, portanto, a relação entre sujeito e estrutura é inseparável. Podemos dizer que não há um fora e um dentro na estrutura, assim como não há um dentro e um fora para o sujeito, mas que esta relação se constitui pelo movimento significante. Porém, segundo Leite (1994,p.58), “como o texto freudiano constitui o referencial teórico da leitura de Lacan, o caráter estrutural desta se apresenta indissociavelmente ligado à peculiaridade da introdução da hipótese do inconsciente no campo do saber.”

A apropriação da noção de sujeito e, em decorrência, da relação sujeito estrutura, possibilita-nos falar da emergência do sujeito na escrita, pois a insistência em um esquema de oposição no qual os elementos não se

anulam, aponta para a conceituação de um sujeito que, não tendo dentro e fora, não está em contraposição a um objeto (escrita).

Há que se considerar o sujeito, segundo Lacan, como explicitamente diferente de consciência, ou seja, que o sujeito não é idêntico à consciência e o inconsciente é um conceito separador que abre a possibilidade para que haja sujeito na estrutura.

Entretanto, como diz Lacan no Seminário 23, “o sujeito nunca é mais do que suposto”. As palavras de Lacan alertam para a dificuldade de se identificar o sujeito, ou seja, a impossibilidade de aprisionamento do sujeito e, conseqüentemente, de classificações. Logo, o que se encontra explícito em suas palavras não inviabiliza a existência de sujeito, pois é uma das construções necessárias sem a qual a experiência psicanalítica não pode ser explicada. Mas o sujeito lacaniano não é o indivíduo, ou seja, o sujeito consciente, aquele impregnado no eu. Para Lacan o eu surge como uma cristalização de imagens ideais, equivalente a um objeto fixo e reificado de identificação.

A análise da produção de G. (texto 1), como dos demais textos dos adolescentes que apresentarei nesse trabalho, pode re-velar a questão do sujeito abordada por Lacan.

GIANNIAG DI NOVEMBRO DI 1998

MAEONHA

ela não faz mau e saude porque ela fazas
daer fome, e fais mau e saude, na cabeça ela
decha paludística Eu não gosto de magonha...

● DBOEA NEM MOBTO

ela significica, que fais mau e saude
mais não e proclibe mais e muito bem
poera, quem fuma, mais para um
não presta, mais fais mais mau
com a melo os dois ~~o~~ fais muito
mau...

magonha leite

O cigarro de luto que me fais mau
e saude magonha abixo o teorés.

No fragmento do dado acima “ Eu não gosto da magonha”, demonstra que o *eu* não aparece como inscrição do sujeito desejante na escrita, mas como *eu* reificado, de *identificação*⁶ com o discurso que circulou em sala de aula, como textos de diversos tipos e gêneros, tais como, músicas, cartazes de campanha de prevenção ao uso de drogas, cartilhas preventivas e explicativas sobre os malefícios da droga, bem como os discursos que circulam no Centro de Internação contrários ao uso de drogas que o eu reificado, por sua vez, mascara o sujeito e inscreve o discurso manifesto.

A escrita do *não* no fragmento “ ela não fás mau a saude porque ela fazas dar fome” e logo em seguida “ e fais mau a saude”, traz a tona a contradição marcada no texto desse adolescente, ou seja, o movimento de significantes dos diversos discursos circulando na escrita de G., portanto o *não*, presença/ausência que emerge nesse fragmento revela a emergência do sujeito intervalar, fendido, sujeito do inconsciente como diz Lacan, que aparece rompendo a estrutura da escrita, do sujeito. E no fragmento imediatamente posterior, esse sujeito desvanece-se, inscrevendo-se no texto o discurso manifesto, ‘e fais mau a saude’.

Lacan estabelece uma ligação do sujeito à questão da ciência, o sujeito da Psicanálise é o sujeito da ciência e, nesse sentido, para pensar o sujeito da Psicanálise, um certo atravessamento o da ciência é inevitável. O

⁶ Utilizamos a noção identificação como marca, e em itálico pois identificação em Psicanálise,

eu, o sujeito do enunciado, é identificado por Lacan como aquele que diz “penso”, “sou”, o sujeito da enunciação, o que se coloca como excêntrico em relação ao sujeito do enunciado. O sujeito do enunciado não é aquele que revela o sujeito da enunciação, mas aquele que produz o seu desconhecimento. Há aí uma ruptura entre enunciado e enunciação, o que implica reconhecer uma duplicidade do sujeito.

Podemos questionar, com base nas teorizações de Lacan: o que é que interrompe os enunciados do *eu*? O que causa estranhamento na escrita de G. ? É possível pensar em uma estrutura do sujeito e uma estrutura do objeto (escrita) ?

O dado apresentado há pouco demonstra que a inscrição do *não* comparece em diversos momentos na escrita de G; no entanto, esse termo não se mantém fixo no que se refere à significação, ocupando posições na escrita que ora re-velam a emergência do sujeito, ora a escondem.

Nos fragmentos que se seguem: “ ela não fás mau a saude (...) mais não é proibida ”, podemos suspeitar de que a escrita de G. revela o desejo, portanto, o sujeito, pois, ao longo do texto, a suposta ambigüidade parece sugerir que está negando o que afirma. Há um desejo e um não-desejo manifestos na cadeia significante. Uma divisão parece desenrolar-se entre o discurso do *eu*, e o que o interrompe, o discurso dizendo *não*, como visto no

fragmento acima. Talvez possamos ver aí um *acontecimento* tal como ocorre um lapso da língua, ou seja, como se a emergência do sujeito em uma formação inconsciente desordenasse a *estrutura constituída*⁷.

A inscrição do sujeito no texto, portanto, parece se dar pelo comparecimento do *não* que ora se apresenta manifesto na escrita. A palavra *não* parece nos dizer algo a respeito de sujeito, sujeito da enunciação, como nos aponta Lacan. O discurso de que a maconha faz mau, provindo dos textos que circularam na sala de aula, é rompido pela emergência do *não* que em alguns momentos da escrita de G. tomam a significação de afirmação e não de negação do uso da droga.

Podemos, neste sentido, concordar com Lacan que o único sujeito, ao qual se pode atribuir o enunciado, é o suposto sujeito do enunciado, representado pelo *eu*, que por sua vez é inscrito por um discurso que suprime o sujeito da enunciação, ou seja, o da escrita.

Esse “outro”⁸ sujeito é comentado por Lacan no Seminário sobre *A carta roubada*, no qual diz que um significante marca o cancelamento do que ele significa. No caso da escrita de G., o sujeito faz uma declaração: “ Eu não gosto da magonha” O que ele disse toma seu lugar, o mesmo acontece no

⁷ Não acreditamos que haja uma estrutura *a priori* na qual o sujeito vai se inserir, mas que a estrutura constitui-se no momento em que o sujeito escreve, pois não se trata aqui da interação entre a estrutura do sujeito e a estrutura do objeto (escrita), uma vez que nos apropriamos das teorizações de Lacan de que o sujeito é constituído de linguagem

⁸ O termo “outro” não se refere à outra pessoa, mas trata-se do mesmo sujeito visto sob o prisma do inconsciente.

fragmento posterior, escrito em letras garrafais “Droga nem morto”, o sujeito fendido, barrado, desaparece.

O sujeito dividido de Lacan, entre o eu e o inconsciente, entre o consciente e o inconsciente, entre um sentido inevitavelmente falso e o funcionamento da cadeia significante do inconsciente, produz uma superfície com dois lados, manifesto e latente, os quais se constituem na estrutura do sujeito, que permite o movimento (Banda de Mobius)⁹, ou seja, aquela que permite o acontecimento, que se constitui no jogo estrutural de emergência do sujeito. Nesse sentido, pode-se considerar que há uma clivagem válida entre o consciente e o inconsciente.

A própria idéia de clivagem pode ser observada em termos lingüísticos. Entretanto, não podemos restringir as análises a indicadores estritamente lingüísticos, pois apesar de reconhecer que o sujeito é efeito da língua, há que se considerar que aspectos relacionados ao desejo do sujeito marcam um lugar na discussão da noção de estrutura e, conseqüentemente, de aquisição da escrita. O sujeito não é nada senão uma clivagem entre duas formas de alteridade, o eu como outro, inscrito pelos discursos circulantes, e o inconsciente como discurso do Outro¹⁰ constituinte do sujeito.

⁹ R.Chemama, em seu Dicionário de Psicanálise, a descreve da seguinte forma “A fita de Mobius pode ser ilustrada por uma tira que se fechou depois de ter-lhe sido aplicada uma semi-torção. Essa curiosa superfície apresenta a propriedade de ter apenas um único lado e uma única borda. (1995, p.212)

¹⁰ O Outro se constitui como lugar do funcionamento lingüístico-discursivo

Retornemos então à pergunta feita por nós ainda há pouco neste texto, que se refere àquilo que causa estranhamento na escrita de G., isto é a *reintrodução*¹¹ do sujeito da estrutura, abandonando, dessa forma, a noção de representação termo a termo. O que está em jogo é a questão da emergência de um sujeito intervalar, que se localiza na interface do discurso do sujeito, do *seu* discurso, e do discurso do outro. Está em questão a singularidade do sujeito no processo de aquisição da escrita e a compreensão de que há algo além daquilo que se torna aparente no texto produzido pelos adolescentes e jovens de desta pesquisa.

Como se vê, os dados apontam o deslocamento na compreensão da noção de representação operada pela Psicanálise, especialmente por Freud¹² e por Lacan, e da concepção de sujeito.

Apropriamo-nos das elaborações de Freud no texto sobre as afasias porque, apesar de se constituir em um dos primeiros de seus textos, já era definidor em relação à questão da representação, provocando um deslocamento em seu sentido. Entretanto, embora a ruptura de Freud com a Filosofia Clássica e a Psicologia, prioritariamente, localiza-se na *Interpretação dos sonhos* (1900), lugar onde Freud fala explicitamente sobre a noção de inconsciente pela primeira vez.

¹¹ Dizemos reintrodução não por compreender que o sujeito não se encontrava na estrutura, mas em razão do que a Linguística teoriza em relação a uma ordem própria da língua e a consequente exclusão do sujeito.

Desde o texto sobre as afasias, a noção de representação constitui-se um fenômeno psíquico complexo, uma *trama* constituída por uma heterogeneidade de representações, ou seja, não se sustenta a compreensão da representação como imagem reflexa das coisas do mundo apreendidas pela percepção sensível, assim como a Filosofia Clássica e a Psicologia concebiam. Este texto questiona a noção de significação, afastando-a da relação biunívoca estabelecida pela Filosofia entre representação e objeto.

Logo, a constituição de representações não pressupõe faculdades anteriores à linguagem, ou seja, não se trata aqui de um aparelho mental, que por sua vez, é capaz de representar o objeto por meio de estruturas mentais.

Como afirma Lacan¹³, a noção de representação para Freud não resulta de uma relação entre sujeito e objeto, mas de relações entre representações.

Essa compreensão desloca-se para um *lugar* no qual se pode conceber, de acordo com Lacan, que nenhum ato de percepção pode se fazer independente da linguagem. A representação, no entanto, não é algo externo e o aparelho psíquico, por sua vez, não se esgota em si mesmo. O aparelho mental não está pronto com o nascimento, mas vai se constituindo como um

¹² Refiro-me a “*Para uma concepção das afasias*” (1891), um dos primeiros textos de Freud, no qual, introduz o termo *Spracheapparat* (aparelho de linguagem)

¹³ Lacan, Jacques, Seminário VII

quebra-cabeça na relação com outro aparelho de linguagem, ou seja, no universo simbólico.

A representação, para Freud, é linguagem e, assim, supõe relação com outro na e pela linguagem. Esse pensamento que remete ao que Lacan define como *o lugar do Outro*, no processo de constituição do sujeito.

Pode-se dizer que a concepção de representação opera o que, em alguns momentos, deste trabalho se chama deslocamento, pois o campo da linguagem é é-feito de um jogo de substituições infinitas, permitida pela falta, pela ausência/presença na cadeia simbólica do sujeito no movimento de significação de sua escrita.

No fragmento a seguir o imaginário, como diz Lacan, possibilita a representação e, dessa forma, o sujeito pode suportar o que, por si mesmo, lhe escapa.

MAGONHA

ela não fás mau a saude porque ela fazas

dar fome, e fais mau a saude... (G)

A escrita de G. demonstra uma *demanda de regularidade* na representação do discurso sobre a maconha. Há o repetível na escrita de G., que se constitui como a inscrição dos discursos circulantes, como já analisamos anteriormente, e a emergência do sujeito do inconsciente.

Como já foi dito, a possibilidade de reconhecer a emergência do sujeito do inconsciente na escrita, o qual se localiza na interface dos discursos, ocorre pelo reconhecimento de algo que vai além da representação, que não se restringe à língua.

Podemos dizer, no entanto, que o real da língua tem uma particularidade _ ele não se reconhece de maneira unívoca, ou seja, não possui uma única significação. Logo, descartamos a possibilidade de uma relação biunívoca significante e significado, visto que esta relação está intrinsecamente ligada à noção de representação como feixe de representações. Portanto, em alguns momentos, a escrita de G. também funciona como uma máscara, pois mascara o sujeito na estrutura, ou seja, esconde-o, enganando-o na ilusão da representação, ou seja, na ilusão de uma análise pautada em uma relação biunívoca.

No entanto, não queremos demonstrar a escrita como um *caos desorganizado*, mas antes de tudo, acreditando que a língua é não-toda e que a noção de escrita como representação da fala vela a *alíngua*¹⁴.

Eis aí o que a Lingüística ignora, a impressão de uma marca do sujeito pela escrita do impossível a escrever, do contraditório na escrita. Para a Lingüística, é imprescindível que a língua seja apreendida como uma completude. Para Milner (1987, p.26;grifos do autor),

¹⁴ Termo utilizado por Milner em sua obra " O amor da língua" (1987).

a língua é a rede pela qual a alíngua falta, mas em si mesma a rede não deve comportar nenhuma falta. É por aí que a lingüística é **sutil**, segundo o termo de Lacan: tal a consciência de Kant com a universalidade da lei, ela sofisticava com o todo e o não-todo.

No entanto, falamos, neste texto, da impossibilidade de apreender-se a língua em sua completude, justamente por acreditarmos em sua incompletude. Assim como o sujeito é-feito da língua, a língua é *furada*, escapa à regularidade e à classificação, o que podemos observar na escrita de W. convocado a analisar um cartaz de propaganda de uma campanha de prevenção ao uso de drogas, no qual estava grafada com letras garrafais a expressão *Drogas nem morto*. O texto que W. produziu é o que se segue (texto 2) :

— Eu não tenho muito a falar
sobre esta propaganda eu vou sita
algumas conhisas sobre a maconha
a maconha e uma droga muito uzada
hoje no mundo todo ela trais ilusinação
eu gostava muito de fumar maconha
hoje não fumo mais.

As cartais que pils que a droga
é proibido para nós não fumar

Walter M. M.

MORTE

em VIVO

Texto de W. , escrito em 09 de novembro de 1998

— Eu não tenho muito a fala
sobre esta propaganda eu vou sita
algumas conhisas sobre a maconha
a maconha e uma droga muito uzada
hoje no mundo todo ela trais ilusinação

eu gostava muito de fumar maconha

honje não fumo mais.

O cantais que fala que a droga

É proibido para não usa mais

DROGAS NEM

MORTO

SO VIVO

O sujeito, para a Lingüística Textual, é ponto sem dimensão, sem desejo, sem inconsciente, é especificamente talhado na medida do sujeito da enunciação, para saturá-lo, impedir o corte na cadeia lingüística. Logo, a *alíngua* funciona sempre em condições de infectar a língua. Basta que o sujeito do desejo, no caso, W., aí faça signo em um ponto: “drogas nem morto so vivo”, para que, segundo Milner (1987) “ ao mesmo tempo tudo bascule , a possibilidade de cálculo sintático cessa, a representação gramatical cede e os elementos articulados viram significantes”.

Nesse sentido, a Lingüística não seria tão ingênua a ponto de não reconhecer a *alíngua*, entretanto, ela se ocupa em suturar o sujeito da enunciação, pois o aparecimento de segmentos na rede do real, os quais não se saberia descrever sem que se reconhecesse a emergência do sujeito, da *alíngua*, realizaria uma divisão na escrita lingüística: o imperativo da completude, segundo o qual é necessário que esses segmentos sejam

representados, e o da consistência, segundo o qual toda representação deve obedecer às mesmas leis da escrita.

A discussão que se inicia, isto é, o reconhecimento da *alíngua*, remete-nos ao encontro de um sujeito desejante, o inscrito no texto 2 de W. o qual rompe a cadeia da escrita e da lógica do texto quando escreve “Drogas nem morto so vivo”. A alteração da enunciação, como diz Lacan descortina a emergência de um sujeito intervalar, na escrita de W. (texto 2) e de G. (texto 1), que somente pode ser enxergado com o reconhecimento de que a escrita não é mera representação da fala, que há inscrito na língua algo de excedente. Segundo Milner (1987, p.30) “as redes do real às quais a Lingüística está ligada revelam traçar caminhos que não levam a lugar nenhum, ou se perdem na floresta da alíngua”

A alíngua excede a língua, sendo, portanto, o lugar do impossível nele imprimindo a marca pela qual se faz conhecer. “ Que a língua existia de fato equivale a dizer, como vimos, que o amor é possível, que o signo de um sujeito pode causar desejo, que um sujeito do desejo pode fazer o signo numa cadeia.” (Milner, 1987, p.64)

Se observarmos os textos de G. (texto1) e W. (texto2) podemos dizer que o sujeito que neles se inscreve tem a liberdade da escrita, de escrever a *sua* escrita e, todos os lugares podem ser habitados por seu desejo. *A alíngua* é, pois, o lugar no qual o sujeito enlaça seu desejo, qualquer nó

podendo ser eleito para que ele faça signo. Há nas escritas de G. e de W. um nó no qual se entrecruzam e se recortam o saber, a escrita, e a alíngua como lugar dos equívocos do desejo, que pode ser dito como: “escrever o próprio excesso, escrever a alíngua”.(Milner, 1987,p.67)

Neste trabalho discutimos, até o momento, algumas noções que nos parecem fundamentais para a compreensão da escrita, e elegemos a noção de estrutura como fio condutor da análise. Já podemos adiantar algumas considerações em relação à pergunta feita no início deste capítulo, dizendo que a concepção estruturalista desemboca em uma outra noção de representação, que supõe uma relação estrutural sujeito/objeto, que nos permite pensar uma outra concepção de escrita. A visão impressa, em grande parte, pela Filosofia, pela Psicologia e, também, pela Lingüística, não nos permite avançar na compreensão dos dados.

Cabe-nos, neste momento, retomar a seguinte questão: o que a noção de estrutura e, por sua vez, a noção de representação tem a ver, mais precisamente, com o processo de constituição da escrita? Em que os princípios do estruturalismo nos auxiliam a pensar a constituição dos textos dos sujeitos desta pesquisa ?

Vale lembrar que a teoria estrutural, tal como é concebida pela Lingüística e retomada pela Lingüística Textual, define como objeto de estudo os enunciados produzidos, o texto em si, que é considerado um objeto

fechado, acabado, de acordo com os princípios lingüísticos que o constituem. O modelo estrutural, por sua vez, deve dar conta da análise de sua estrutura *formal* da estrutura *expressiva*, e da estrutura *semântica*. No entanto, a utilização que aqui fazemos do estruturalismo lingüístico, como já evidenciamos, refere-se à releitura que Lacan fez de uma noção de estrutura, e conseqüentemente, dos caminhos que o estruturalismo tomou ao longo dos anos na história das ciências. Remetemo-nos aos *pais do estruturalismo* com o objetivo de recuperar um pouco da trajetória da noção, de estrutura, que imprimiu grandes transformações na compreensão do que é fazer ciência, pelo reconhecimento dos efeitos do simbólico na relação sujeito e objeto.

As análises dos textos apresentados neste trabalho têm suscitado algumas questões em relação à visão de que a escrita é representação da fala e quanto às concepções sobre o que é um texto. A questão que se coloca, então, é: como dar conta da escrita dos adolescentes e jovens como as que já apresentamos ao longo deste trabalho?

CAPÍTULO 2

NA TRILHA DO INTERACIONISMO DIALÓGICO

“ O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia. Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia. Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia...”

Fernando Pessoa

2.1 Psicologia cognitivista, aquisição de escrita e estrutura

No campo das teorias de alfabetização, essas questões são resolvidas tendo como eixo as noções psicológicas de sujeito e de representação, pois está em jogo a construção de representações que implicam

estruturas universais e já definidas *a priori*, tanto do lado do sujeito quanto do objeto.

É certo que a linguagem não ocupa posição de destaque nas reflexões de Piaget. No entanto, Emilia Ferreiro apóia-se nos princípios da teoria psicogenética piagetiana para verificar as estruturas lógicas que seriam ativadas na aquisição da linguagem escrita, focalizando sobretudo o processo de construção conceitual das relações entre oralidade e escrita, portanto, trata-se também de uma perspectiva estrutural. Vejamos, porém, como incidem aí essas perspectivas.

Para a teoria psicogenética, o processo de conhecimento ocorre na interação entre o sujeito cognoscente e o objeto, introduzindo no campo da linguagem escrita as concepções de escrita como objeto lógico de conhecimento. Quando se trata da escrita, portanto, deve-se *tomar consciência* das propriedades estruturais, que podem ser compreendidas em seus aspectos gráficos, fonético-fonológicos, sintáticos e semânticos. A concepção de escrita está intrinsecamente ligada a uma concepção estrutural, que prevê a construção de categorias preestabelecidas, por um sujeito que age sobre ela com suas categorias cognitivas. Portanto, para Ferreiro, a aquisição de linguagem escrita ocorre mediante sucessivas construções, com graus crescentes de complexidade, que provocam a elaboração e reelaboração de

estruturas internas, resultantes da ação do sujeito sobre o objeto do conhecimento, que é externo ao sujeito.

Ferreiro procura compreender o processo de aquisição e construção da escrita pela evolução das conceitualizações do indivíduo sobre a escrita. Nesse sentido, o pressuposto básico para a aquisição da escrita é caracterizado pela subordinação das operações a um processo geral de equilibração, responsável pelo percurso evolutivo em níveis de desenvolvimento, de diferentes estados de equilíbrio que correspondem a um estágio de desenvolvimento, decorrente de constantes desequilíbrios e reequilíbrios. Desta forma, Ferreiro caracteriza esse processo em três grandes períodos, que se integram ordenadamente, e cada nova etapa implica a superação da antecedente, ou seja, uma nova estrutura constrói-se com base na transformação da anterior já existente. Ferreiro (1990) estabelece níveis distintos do desenvolvimento no processo de aquisição da escrita – primeiro, segundo e terceiro períodos. Segundo a autora (1990, p.22),

O primeiro período caracteriza-se pela busca de parâmetros de diferenciação entre as marcas gráficas figurativas e as marcas gráficas não figurativas, assim como pela formação de séries de letras como objetos substitutos e pela busca de condições de interpretação dos objetos substitutos.

O segundo período é caracterizado pela construção de modos de diferenciação entre os encadeamentos de letras, baseando-se alternadamente em eixos de diferenciação qualitativos e quantitativos. O terceiro período é que corresponde à fonetização da escrita, que começa por um período silábico e culmina no período alfabético.

Com base na concepção de períodos de desenvolvimento no processo de aquisição da escrita, proposta por Ferreiro, podemos identificar uma compreensão de estrutura fechada, ou seja, que não suporta elementos *estranhos* ao processo, em que a escrita é concebida como transparente, por isso, objetivável. Cada período caracteriza-se pelo movimento interno à estrutura, ora na busca de diferenciação entre marcas figurativas e não-figurativas, ora entre o encadeamento de letras e a relação com seus aspectos fônicos. A estrutura, portanto, já é dada do lado do sujeito e do objeto, caracterizando assim seu fechamento.

Nesse sentido, a aquisição de linguagem escrita é concebida como um sistema de representação da linguagem oral, e portanto, pode ser considerada uma tarefa de ordem conceitual, ou seja, um processo de compreensão do modo de construção desse sistema.

Goodman (1987) apresenta, em sua análise do desenvolvimento da escrita por crianças, alguns princípios que regem esse desenvolvimento e que, a nosso ver, explicitam uma visão de aquisição na qual os sujeitos possuem

uma capacidade de descobrir e controlar a sua escrita ao mesmo tempo que aprendem.

O primeiro deles caracteriza-se pelo aspecto funcional, ou seja, quando a criança resolve o problema de como escrever e para que escrever, marcando aí a característica da funcionalidade da linguagem.

O segundo princípio caracteriza-se pelo aspecto lingüístico, que se desenvolve conforme a criança resolve o problema da forma como a linguagem escrita está organizada, incluindo-se aí as regras gramaticais, ou seja, ortográficas, grafofônicas, sintáticas, semânticas e pragmáticas da linguagem escrita.

Já o terceiro princípio apresenta a significação da linguagem, ou seja, o momento em que as crianças passam a compreender como a linguagem escrita representa as idéias e os conceitos que as pessoas, os objetos e a linguagem oral possuem numa determinada cultura.

É importante afirmar que esta concepção de linguagem e de aquisição tem a noção de representação como pano de fundo e, assim como Ferreiro, comunga na idéia de que o sujeito para escrever precisa representar.

Ferreiro concebe um caminho pelo qual o sujeito toma consciência da natureza alfabética do sistema de representação escrita, por meio de experimentos em que mostra que, com suas ações sobre a escrita (e não só em situação escolar), esta se torna objeto tematizado pelo pensamento do

sujeito. As suas ações incidem sobre as características da escrita, objeto externo, sensível, o que possibilita os ciclos epistêmicos, cujo funcionamento deriva dos dois processos fundamentais que constituem os componentes do equilíbrio cognitivo, a assimilação e a acomodação, que se estabelecem ao longo dos três períodos discriminados. Dessa forma, o processo de equilibração constitui o motor construtor que possibilita o desenvolvimento da escrita. As propriedades da escrita, como objeto de conhecimento, são reconstruídas e incorporadas aos esquemas sensório-motores e/ou conceituais do sujeito que, por sua vez, são modificados, acomodados às particularidades desse objeto, que é *novo* para ele.

Entretanto, como se vê pela própria postulação de períodos, ou de uma teleologia no processo de aquisição da escrita, os processos de aquisição, os processos de assimilação, alimentam-se, isto é, incorporam elementos que lhes são interiores, quando são compatíveis com a sua natureza o que não significa a sua imutabilidade. Os esquemas ou atividades operacionais também se transformam ou se acomodam em decorrência das ações do sujeito sobre o objeto a assimilar, em virtude de suas características específicas.

Assim, Ferreiro assume a existência de uma verdadeira lógica, cuja raiz está na ação, é essa a fonte de lógica, que caracteriza o sensório-motor e, posteriormente, a lógica própria da inteligência representativa ou conceitual.

Deste modo, o processo de aquisição da escrita, como derivado das ações do sujeito demonstra uma *equilíbrio majorante*. O que significa que esse processo se dá por uma modificação contínua das conceituações do sujeito, de modo que das próprias estruturações, quando estabelecidas, derivam novos objetivos na direção de um novo equilíbrio ou uma melhor estrutura. De certo modo, pode-se falar, conforme Piaget (1974), de uma lei de *otimização* inerente ao processo de construção do conhecimento. O sujeito conhece o objeto escrita assimilando-a a seus esquemas, os quais, no decorrer do processo, são reorganizados e reconstruídos com base na diversificação, na diferenciação, na coordenação, na combinação e na organização desse esquema, resultando uma atividade transformadora inerente a própria estrutura, que, por sua vez, não conduz para fora de suas fronteiras e não engendra “senão elementos que pertencem sempre à estrutura e que conservam suas leis” Piaget (1974, p.15) Piaget entende que “uma estrutura se fecha por si mesma”. É o próprio sujeito que, valendo-se de uma interioridade reguladora, constrói suas estruturas por procedimentos de abstrações reflexivas.

Assim, reportando-se aos grandes períodos que salientam o processo de alfabetização, Ferreiro mostra que uma das primeiras aquisições do sujeito, com base em suas ações sobre a escrita, dentro e fora da escola, é a de coordenação de semelhanças e diferenças, quando consegue separar séries

de letras de outras expressões gráficas como desenhos e algarismos. Inicia-se aí o primeiro grande estágio, o pré-silábico¹⁵, no reconhecimento da escrita como marca representativa não-pictográfica. No estágio seguinte, o silábico, a criança descobre a relação da grafia com a pauta sonora da palavra. No final desse estágio, a criança já é capaz de se basear na relação grafia-sílaba para controlar o resultado de suas tentativas espontâneas de escrever. Quando percebe que uma letra apenas não é suficiente para representar uma sílaba, a criança ascende progressivamente ao estágio alfabético, utilizando-se dos fonemas para fazer suas análises. A transcrição fonética é apontada como estágio final do processo. No entanto, a descrição em estágios de desenvolvimento do processo de aquisição de escrita, proposta por Ferreiro, desvela uma concepção de estrutura como sistema de representação, pois focaliza os mecanismos da construção de um sistema de representação de natureza alfabética tomado como objeto específico de conhecimento. A linguagem emerge, nesse caso, como forma expressiva de um processo em andamento de construção das estruturas internas e, ao mesmo tempo, a ele está vinculado.

Essas formulações teóricas assinalam uma subordinação da linguagem às estruturas cognitivas, e, assim, a primazia dos processos

¹⁵ Emília Ferreiro, no artigo *Processos de aquisição da linguagem escrita no contexto escolar* (1985), faz uma restrição ao termo *pré-silábico* por referir-se em termos negativos a algo que deveria ser caracterizado como positivo.

psicológicos sobre a linguagem e o reconhecimento de um sujeito que detém o controle do processo.

Emília Ferreiro (1984, p.154) enfatiza, na aquisição da escrita, mecanismos que Piaget observou sistematicamente em outros domínios do conhecimento:

Que surgen problemas de naturaleza lógico-matemática a propósito de la comprensión de la escritura es innegable, tanto en función de los datos expuestos como de toda la evidencia anterior que hemos analizado en otras publicaciones: hay problemas de correspondencia biunívocas, hay problemas de relación entre el todo y las partes, hay problemas de ordem serial, hay problemas de combinatoria. Esos problemas surgen a propósito de la comprensión de la escritura, así como surgen a propósito de la comprensión de tantos otros fenómenos que resisten a los esquemas asimiladores del sujeto. Hay problemas de lectura de la experiencia y de constitución de observables idénticos a los que se plantean en otros dominios. Hay nociones de conservación involucradas (como la conservación de una atribución significativa a través de una serie de transformaciones de posición, permutación, substitución, etc.¹⁶

¹⁶ Na língua portuguesa : Que surgem problemas de natureza lógico-matemática a propósito da compreensão da escritura é inegável, tanto em função dos dados expostos como de toda evidência anterior que temos analisado em outras publicações: há problemas de correspondência biunívoca, há problemas de relação entre o todo e as partes, há problemas de ordem social, há problemas de combinatoria. Esse problemas surgem a propósito da compreensão de tantos outros que resistem aos esquemas assimiladores do sujeito. Há problemas de leitura da experiência e construção de observáveis idénticos aos que se fixam em outros dominios. Há noções de conservação evoluídas (como a de transformações de posição, permutação, substituição, etc.)

Assim, para Ferreiro, a linguagem assume o estatuto de mais um conhecimento a ser adquirido pelo sujeito, não se conhecendo a sua particularidade, ou seja, a sua natureza simbólica. É possível, no entanto, explicar sua aquisição em termos do mesmo processo construtivo, tomando o termo construção no sentido piagetian. A esse respeito, Ferreiro (1992,p.78) entende que “O real existe fora do sujeito, no entanto, é preciso reconstruí-lo, para conquistá-lo. É precisamente isso que temos descoberto que as crianças fazem com a escrita; têm que reconstruí-la para apropriar-se dela.”

Assim, a teoria psicogenética permite pensar a linguagem, oral ou escrita, como um aspecto da realidade, algo exterior ao sujeito, que se oferece à sua ação como um sistema englobante das estruturas gráficas, fonéticas, morfológicas, sintáticas e semânticas, e que pode ser re-construída como objeto cultural socialmente compartilhável. As estruturas da linguagem possibilitam múltiplas combinações, mas combinações já dadas.

A posição de que a escrita representa a fala, ou seja, de uma abordagem que focaliza os mecanismos da construção de um sistema de representação, indica que o sujeito do conhecimento se apropria de estruturas da linguagem, constituídas *a priori*, portanto, fechadas em si mesmas, obedecendo à leis universais e as representando. Segundo as formulações teóricas apresentadas, para que aprenda a escrever, o sujeito necessita, no

entanto, além de representar as idéias e os conceitos, ser capaz de compreender a funcionalidade da escrita e a forma como está organizada.

Por outro lado, as postulações teóricas de Ferreiro e Goodman não satisfazem completamente a compreensão dos textos apresentados nesta dissertação, porque exige-se uma outra compreensão de sujeito e do objeto escrita. A emergência do sujeito na estrutura, ou seja, o sujeito/texto, intervalar, ao nosso ver, traz consigo uma concepção de língua escrita e/ou oral, que lhe é inerente, isto é, uma concepção de linguagem que suporta o acontecimento, a presença do sujeito escrevente em seu texto. Pois os dados desta pesquisa oferecem *questões* até então aparentemente adormecidas no campo da alfabetização, mesmo nas postulações teóricas de Ferreiro e Goodman, e que eram, por sua vez, excluídas do campo da Lingüística.

Questionamos então: as leis que comandam o processo de constituição dos textos apresentados neste trabalho, já que em nosso entendimento não se trata de representação da fala termo a termo nem mesmo de compreensão dos princípios ou regras que regem o funcionamento do processo de aquisição, como sugerem as concepções construtivistas.

Assim, o pressuposto que sustenta as teorias da alfabetização, não proporciona a percepção do texto do adolescente e do jovem em processo de aquisição da escrita como uma construção que se constitui de aspectos morfológicos, gráficos, fonéticos, sintáticos, semânticos e de reconhecer a

emergência de um sujeito intervalar que se constitui na/pela escrita. Há, nesse sentido, a redução da análise aos procedimentos cognitivos relativos à construção de relações grafofônicas e o não-reconhecimento do texto como “lugar do funcionamento lingüístico-discursivo”.(Lemos, 1992)

Ao adentrarmos pelo campo da alfabetização, concebida em grande parte com base nas contribuições teóricas de Piaget a respeito das estruturas de conhecimento, percebemos que a visão de Emília Ferreiro, ou seja, a relação de representação entre sinal gráfico e som, assim como a idéia de Vygostky, isto é, relação de representação entre linguagem, texto, significado e contexto, não nos satisfazem justamente por serem reducionistas, no que tange à sua concepção estrutural de texto. Os dois autores não percebem as múltiplas relações que se operam no texto, até em seu processo de produção .

É importante ressaltar que Emília Ferreiro é uma das principais teóricas da alfabetização. As discussões propostas por essa autora, valendo-se da teoria piagetiana, constituem-se em relevante contribuição para a compreensão do processo de aquisição da escrita por crianças, tendo como suporte teórico a Psicologia Cognitivista.

Com o mesmo grau de importância, Vygostky aparece como teórico importante para o campo da alfabetização com sua noção de linguagem e de aquisição dessa linguagem com base na interação social.

Entretanto, esses dois importantes teóricos reduzem a linguagem escrita à representação da fala ou à comunicação, e apresentam a noção de um *sujeito no controle*, controle de sua fala e de sua escrita, ou seja *o sujeito da consciência*, preconizado tanto pela Filosofia Clássica, quanto pela Psicologia.

Os estudos sobre a aquisição da linguagem escrita enfatizam a construção pelo aluno da chamada *base alfabética*, ao serem colocadas em cena as suas relações de representação entre aspectos gráficos e sonoros que, supostamente, a aquisição da escrita implicaria. Os estudos explicam o progressivo controle sobre a escrita pela criança, como resultante de um conhecimento de ordem interna, delegando-se ao domínio do cognitivo o poder explicativo para esse processo. Mesmo que a via de produção desse conhecimento percorra caminhos distintos, no caso de Ferreiro e Vygotsky, a base para esse processo é a mesma, isto é, o domínio do cognitivo.

As teorias sobre a alfabetização, estão assentadas sobre a Psicologia Cognitiva e/ou Funcionalista, por isso, preconizam, de um modo geral, que o alfabetizando é um usuário da escrita e a utiliza como instrumento para atingir um objetivo determinado. Dessa forma, como dissemos, as metodologias utilizadas por essas concepções teóricas priorizam situações que facilitam a construção de representações sobre o uso da linguagem escrita constituída, cuja compreensão determina a aquisição da forma.

Podemos, neste momento, questionar a respeito da possibilidade de serem analisados textos, com base nessas concepções – se os dados apresentados expõem a figuração da representação tal como a considera a Psicologia, ou se significantes que estão em uma relação biunívoca com as experiências ou contextos de seus produtores.

Os dados desta pesquisa, re-velam um sujeito produtor de textos, que não se encontra no controle de sua escrita, que produz textos que não são mero efeito de superfície de suas consciências. Aquilo que a perspectiva cognitivista considera incoerência, ou falta de coesão textual, ou de impossível análise, à luz da perspectiva lacaniana, é efeito da divisão do sujeito e de haver sujeito na escrita, o que, por sua vez, implica a desconstrução do estruturalismo formalista.

2.2 O interacionismo dialógico: pegadas no caminho

Os dados já obtidos por outros estudiosos da linguagem, da escrita e de seu processo de produção auxiliam essa empreitada. O universo lingüístico discursivo da Psicanálise e da Lingüística Estrutural, tal como fora tratado por Lemos (1995, 1997a, 1997b, 1998 e 1999), Mota (1995, 1996, 1997a, 1997b, 1997c, 1997d, 1998a e 1998b), dentre outros, abre para nós as *grades* desse singular espetáculo da escrita.

No início de sua tese sobre a escrita inicial das crianças, Mota (1995) mostra que as teorias de alfabetização nem mesmo consideram as primeiras produções como estatuto de escrita, colocando-as, muitas vezes, como dados inanalisáveis, desenhos, ou *tentativas* de escrita, portanto, não-categorizáveis, e que por isso, não se constituem representação da fala ou das coisas do mundo. As teorias realizam, assim, o que chama de higienização de dados.

Embora haja diferenças entre as várias teorias de alfabetização quanto ao processo de aquisição da escrita, existe entre elas uma convergência: todas têm a noção de representação como eixo de seu corpo teórico. Como diz Mota (1995),

Emília Ferreiro fala de alfabetização como uma construção da “representação conceitual ” da base alfabética. Vygostsky trabalha com a noção de que a criança constrói a escrita “como representação da fala para, mais tarde, reconstruí-la como representação do mundo ” (1982). Outros investigadores do processo de aquisição da escrita, que têm em comum uma visão pragmática funcionalista, como Keneth e Yetta Goodman (1987, 1990, 1991), Frank Smith (1989), Foucambert (1994), acabam por centrarem suas interpretações em uma posição representacionalista pelo fato de afirmarem que o processo de alfabetização é guiado pelas construções conceituais das crianças, primordialmente, por suas representações cognitivas sobre usos sociais da escrita.

De acordo com os teóricos mencionados, a alfabetização não é reconhecida como fato de linguagem, em razão de sua compreensão idealista/representacionalista clássica da linguagem e do processo de conhecimento, uma vez que suas noções estão fundamentadas no estruturalismo fechado, ou seja, em uma concepção de estrutura que se sustenta por si mesma.

Conforme Lemos (1995), os estudos na área da linguagem centram-se na especificação de unidades lingüísticas, concebendo a linguagem como exterior ao sujeito, que se apropria da linguagem de acordo com seu desenvolvimento. Para Lemos (1995), persiste ainda “a tendência a explicar o desenvolvimento lingüístico da criança, pelo que, fora da linguagem era tido

pela psicologia como domínio do desenvolvimento. Isto é, tanto pelo domínio cognitivo quanto pelo domínio comunicativo e/ou social.”

Os processos metafóricos e metonímicos propostos por Jakobson (1963) foram retomados e reelaborados por Lemos¹⁷ com base em Lacan como modos de emergência de sujeito na cadeia significante, ou seja, pela necessidade de explicar um funcionamento que desse conta tanto do fragmento não-analisado¹⁸, como do *erro* e até mesmo da mudança inferida do reconhecimento entre um e outro.

Em seus estudos sobre o processo de aquisição da linguagem pela criança, Lemos aponta que grande parte dos estudos sobre a aquisição de linguagem, considera a relação da criança com a linguagem como relação de conhecimento e que a descrição das transformações qualitativas se dão com base em categorias e estruturas definidas pela linguagem do adulto. Para Lemos (1995) essa posição impossibilita que a área de linguagem entenda as peculiaridades da fala da criança, quando em constituição. E assinala Lemos (1995, p.1)

“era dominante a tendência a explicar o desenvolvimento lingüístico da criança pelo que, fora da linguagem ,era tido pela

¹⁷ Esta discussão está presente no texto de Cláudia Lemos “ Os processos Metafóricos e Metonímicos : seu estatuto descritivo e explicativo na aquisição de língua materna.

psicologia como domínio de desenvolvimento. Isto é, tanto pelo então chamado domínio cognitivo quanto pelo domínio comunicativo ou social. Atrelada a essa tendência e, ainda que pareça estranho, compatível com ela, estava a descrever o que havia de explicar, isto é, o lingüístico na falada criança.” (Lemos, 1995 : 1)

A preocupação da pesquisadora em relação à fala inicial da criança demonstra que a não-sensibilidade do pesquisador com o lingüístico que acontece na fala inicial, bem como a escolha da Psicologia como campo de conhecimento que *interpreta* esta fala relacionam a aquisição da linguagem à construção de representações do mundo que não partilham com a linguagem a sua natureza simbólica. Nesse sentido, a interpretação é reduzida à descrição de um desenvolvimento enquadrável em estágios homogêneos e universais que tem em sua origem um sujeito já constituído, e também descrito por categorias cognitivas previamente dadas. A esse sujeito atribui-se a capacidade de agir sobre a linguagem e representá-la.

Sônia Mota, em sua tese de doutorado (1995), faz uma análise de que os textos apresentados pelas crianças repetem, com diferença, a aquisição da fala. A discussão sobre o processo de aquisição da escrita teorizada por Mota, nesse trabalho, aponta a questão de que se considera o sujeito

¹⁸ As teorias que sustentam as práticas de alfabetização advindas do campo da Psicologia como da Lingüística desprezam os fragmentos que comparecessem nos textos de pessoas em processo de aquisição da escrita quando não se enquadram na *escrita padrão*, e não são aceitos como escrita.

psicológico, ou seja, a criança em fase de aquisição da linguagem escrita, como se fosse um *pequeno lingüista* que dispõe de representações ou categorias para descobrir e construir as regras da linguagem.

Nessa concepção, criticada por Mota (1995) o *pequeno lingüista*, portanto, deve representar o papel da escrita no contexto e dela lançar mão para realizar um objetivo, e em decorrência disso, como sujeito da cognição, o *pequeno lingüista* pode descobrir as leis que regem o funcionamento da linguagem. Com essa concepção considera-se que sobre o estatuto da noção de representação, bem como da noção de sujeito está na origem de suas representações, e que o sujeito pode chegar a ter o controle sobre elas. No caso, controle sobre a escrita, como objeto de conhecimento.

O trabalho de Mota (1995) discute a representação oralidade/escrita, ao se tratar da escrita inicial de crianças, esta dissertação propõe-se a analisar os textos de adolescentes e jovens que também se encontram em processo de alfabetização, porém, são pessoas *mais alfabetizadas*, ou seja, já tiveram maior contato com a escrita do que as crianças analisadas por Mota. Nesse sentido, a representação de contextos, as estruturas e os discursos, assim como com as crianças, não constituem representação direta.

Reconhecer a alfabetização como fato de linguagem, ou seja, um processo que ocorre no campo do lingüístico, implica necessariamente o reconhecimento de que a natureza particular do objeto-escrita pressupõe a

sobredeterminação de sua aquisição pelo que Saussure (1974) chamou de “a ordem própria da língua”.

Lemos retorna ao estruturalismo lingüístico para tornar operativa a noção de língua, pois recorre à noção de significante e às de metáfora e metonímia, o que constitui o caminho para analisar a fala da criança naquilo que excede ao projeto da Psicologia. Em entrevista a Caruso (*apud* Leite, 1994, p.17), Lacan assinala:

Mas é extraordinariamente necessário sublinhar que as estruturas fundamentais da linguagem – as que se encontram no nível da análise lingüística mais moderna, por exemplo, as da formalização lógica – são as coordenadas que permitem situar o que acontece ao nível do inconsciente, isto é, permitem afirmar que o inconsciente está estruturado como uma linguagem.

Na Lingüística Textual, está presente não só a idéia psicológica de representação como a de aquisição do conhecimento, portanto, a mesma visão estruturalista. Nessa concepção, o pensamento é construção de um significado para o contexto, para o mundo, veiculado pela linguagem. A linguagem, mesmo a escrita, é comunicação e expressão (representação objetiva) do pensamento ou/e do mundo.

Halliday, em seu texto *Cohesion in english*, propõe uma análise a respeito das qualidades próprias do texto como objeto lingüístico, procurando

discutir qual seria o estatuto do texto. Em outras palavras, indaga :o que é texto? Ou, o que faz texto? Vamos deter-nos em Halliday, porque é o autor mais presente atualmente nos trabalhos acadêmicos sobre produção textual.

Esse autor evidencia a tendência de tomar os processos cognitivos representacionais como explicativos da constituição de textos, e do próprio leitor ou escritor.

Halliday introduz¹⁹ na Lingüística o objeto texto, questionando sua natureza em relação aos demais objetos já teorizados por essa ciência. Interessa-nos em Halliday, como ele tratar o que é texto .

Halliday parte de uma noção que pertence a um certo *senso comum* da Lingüística, que texto significa aquilo que forma um *todo unificado*, estabelecendo, assim, a diferença entre um texto e um simples amontoado de sentenças. Para este autor, em um texto, os elementos ligam-se, relacionam-se entre si, diferentemente da relação entre os elementos de uma sentença. Assim sendo, o texto não se constitui em uma unidade gramatical, mas semântica. Portanto, para Halliday, há um dentro, mas há também um fora da língua que faz efeito na linguagem.

A perspectiva de Halliday ao tratar do texto em suas teorias traz à tona um problema crucial da Lingüística, a questão do sentido, pois a impossibilidade de uma determinação definitiva do sentido, característica

presente no objeto texto, coloca no palco desta ciência o impensável, ou seja, não há possibilidade de seu reconhecimento na língua que, como ordem, só conhece a combinatória do possível, do dizível.

A concepção de língua da Lingüística consiste na determinação de um todo que diz respeito à idéia de sistema. O próprio Halliday acaba por absorver essa idéia quando mostra que é impossível não admitir uma certa incerteza do que é texto, ou não.

Ora, se retomamos a idéia de Halliday no que se refere à concepção de texto, ou seja, algo da ordem do *realizável*, podemos estabelecer um ponto de divergência com a concepção de texto que adotamos em nosso trabalho, pois o texto, para nós, não é da ordem do realizável, já que ele se constitui como é-feito de sentido para pelo menos um sujeito, o que marca a posição da impossibilidade de pensar texto sem sujeito.

Para Halliday os recursos coesivos que a língua oferece constituem um *textível* na língua. No entanto, esta coesão é algo a se atingir pelos processos representacionais, e não uma propriedade natural da linguagem.

Assim, abre-se a possibilidade de compreender que, se a linguagem necessita de coesão para fazer texto, opera-se algo da ordem do não-coesivo, do não-todo da linguagem, e que escapa à possibilidade de classificação em estruturas da linguagem definidas pela Lingüística.

¹⁹ Segundo Maria Tereza Lemos, para Halliday não se trata necessariamente de introdução de

Ao recorrermos a Freud, no que se refere ao chiste, podemos discutir um pouco mais essa impossibilidade de fechamento e também apontar a necessidade de trilhar caminhos diferentes daqueles marcados pela Lingüística Textual, mais especificamente por Halliday, no que se refere à concepção de texto.

O chiste faz emergir uma significação outra, que permanece lado a lado com a significação *mesma, autorizada* sem a substituir²⁰. Nesse sentido, o chiste não se constitui em uma unidade semântica, porque só existe sentido *chistoso* se os recursos coesivos não se fecharem em um sentido único. Ora, há no chiste a emergência de sentido, portanto, pode-se dizer, diferentemente de Halliday, que há emergência de sentido no não-coesivo.

Isso implica o reconhecimento que há algo para além da coesão, e que o estatuto do texto, portanto, não se apresenta tão seguro e definido tal como apresenta Halliday.

Nesse sentido a concepção de texto que adotamos neste trabalho diferencia-se do que Halliday propõe.

Em *O chiste e sua relação com o inconsciente*, Freud relata ,

Dois judeus se encontram perto de um estabelecimento de banhos.

_ Tomou um banho ? pergunta um deles.

um novo objeto para a lingüística, mas sim da teorização sobre esse objeto.

_ Como ? responde o outro _ está faltando algum ? ”

Freud mostra em sua análise do episódio que o chiste aponta sempre mais uma possibilidade de sentido e que esta já é uma possibilidade da linguagem, ou seja, a linguagem não é una.

No exemplo dado por Freud o sentido parece caminhar em uma direção (*tomar, no sentido de banhar-se*) para, em seguida, mudar de direção (*tomar, no sentido de pegar*) . No entanto, a mudança de sentido torna-se possível justamente porque a linguagem é constituída de múltiplos sentidos. O sentido que o termo tomou no chiste analisado, já existia como possibilidade na linguagem.

Podemos com base no exemplo de Freud estabelecer uma relação com os textos dos sujeitos de dessa pesquisa. Quando G. elabora seu texto 1 e, no *fechamento* escreve “*Magonha Laité*”, podemos dizer que houve, neste momento, um deslizamento no sentido de *maconha* e *Laité*, que, colocados lado a lado, adquiriram uma *nova* significação, e que, no entanto, já se encontrava na linguagem. Portanto, falamos de um processo de produção textual, no qual o jogo estabelecido entre os significantes, que se posicionam no papel acontece na linguagem. Não há um dentro e um fora na linguagem. Como assinala Derrida (1991), a noção de linguagem como comunicação e

²⁰ Ver Freud, 1977.

referência a um contexto é reducionista. Vê-se assim a explosão tanto da noção de linguagem, como da noção de contexto. Como diz Lacan, um significante é o que remete o sujeito a outro significante e o reconhecimento de uma terceira ordem, de um terceiro reino, como já vimos, o do simbólico.

Ao procedermos esta análise, rompemos com a perspectiva de Halliday, ou com a Lingüística Textual que, a nosso ver, confunde o simbólico com o imaginário, e com o real, que constitui a primeira dimensão do estruturalismo. Não se pode, portanto, tomar os termos do texto como representação de uma essência.

O campo da linguagem é, com efeito, o de um jogo, isto é, de substituições permitidas pela falta, pela ausência/presença na cadeia simbólica do sujeito no movimento de significação de sua escrita, portanto, não constitui um sentido único. Essa escrita do sujeito é constituída por elementos metafóricos e metonímicos que se entrecruzam, permitindo efeito de sentido.

Para a compreensão desse jogo estrutural, ou seja, dessa *nova* estrutura significada pela ruptura, pela emergência de significantes latentes, são indispensáveis os conceitos de inconsciente e de imprevisibilidade de significantes, pois, o jogo é sempre um jogo de ausência/presença, em que os significantes permanecem ora latentes ora manifestos. A emergência de um significante não exclui os outros, que permanecem na latência, no entanto, não há a possibilidade de se prever quando e onde esses significantes realizam

o corte na cadeia da escrita. Os significantes do texto movimentam-se nesta trama, que representa o próprio funcionamento da linguagem na relação sujeito/texto.

Na relação estrutural sujeito/texto, não se pode afirmar se é a estrutura que permite a relação ou se é a relação que permite se falar em estrutura, que se constitui de relações na língua .

A estrutura captura o movimento dos significantes nômades que fazem parte desse jogo em cadeias latentes e manifestas. Esse movimento signifiante leva-nos a questionar a representabilidade da linguagem oral pela escrita . Se os significantes não forem estáticos e a estrutura não estiver fechada, quer dizer, pronta, a relação oralidade escrita acontece nesse jogo, nesse movimento, não como relação de representação termo a termo, ou seja, não como representação escrita dos sons da fala.

Percebe-se então, que a escrita não ocupa um lugar secundário e, portanto, não poderia ser considerada mera representação da fala. É justamente no que causa estranhamento no texto que essa impossibilidade de representação se presentifica. Os predicados essenciais para uma determinação mínima do conceito clássico de escrita passam pela noção de que um signo escrito; no sentido corrente da escrita, é uma marca que permanece, que não se esgota no presente de sua inscrição e que pode dar lugar a uma interação na ausência, e além da presença do sujeito

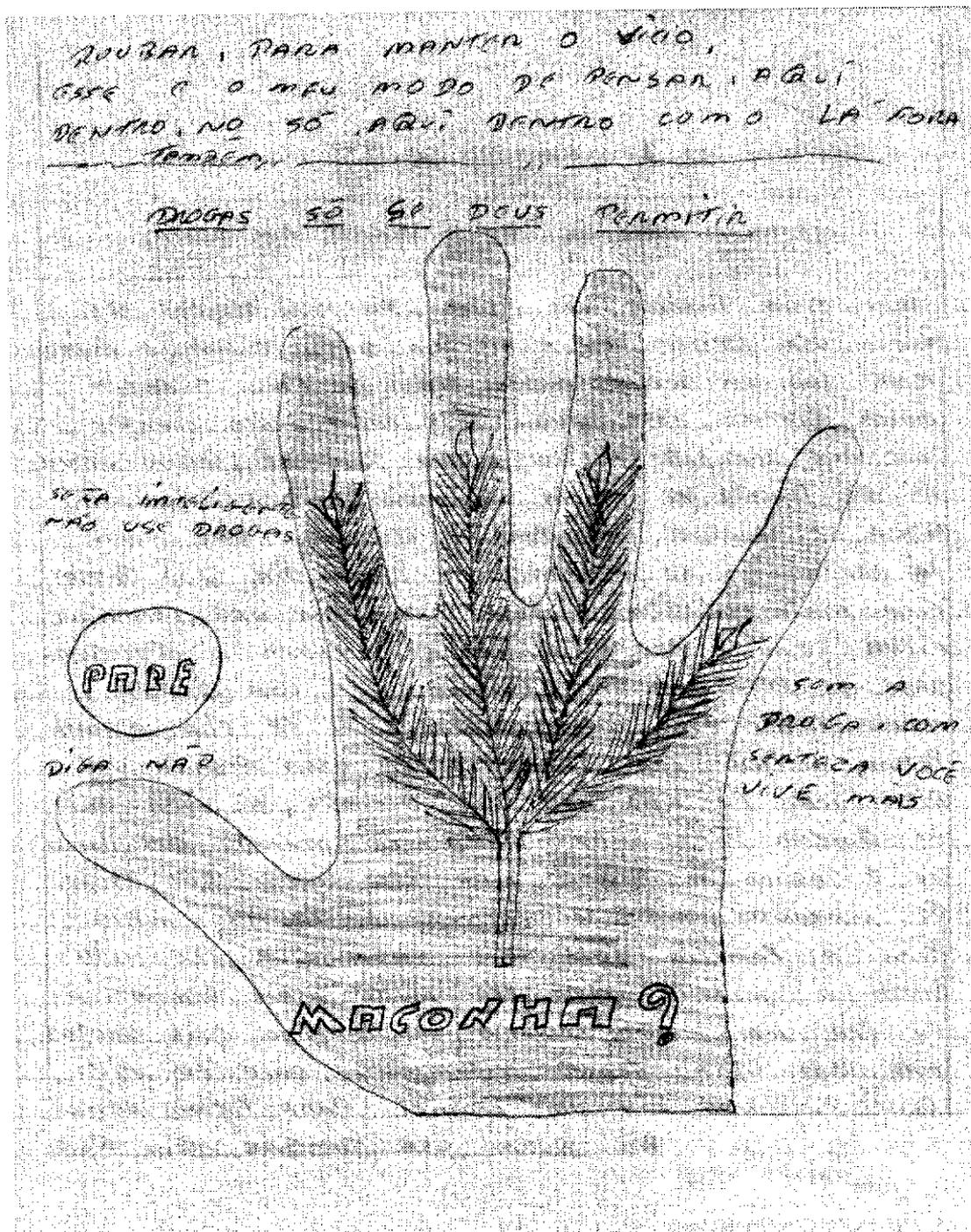
empiricamente determinado que a emitiu ou a produziu, em um dado contexto.

Um signo comporta, ao mesmo tempo, uma força de ruptura com o contexto no qual foi produzido e uma força de inscrição. Fazem parte desse contexto real um certo *presente* da inscrição, a presença do escritor naquilo que escreveu, o querer-dizer . Cabe, portanto, ao signo ser, de direito, legível, mesmo que o momento de sua produção seja perdido e que não se saiba o que o pretenso autor-escritor quis dizer em consciência e a sua intenção no momento da escrita, ou seja, se o abandonou à sua deriva.

Carteira 01 de dezembro de 1992

Trabalho sobre um Cartão Viciado em Drogas

Com essas imagens, são exatas, são 1999 Nações, de quem usa droga, com a história desse jovem, e muito triste com um jovem famoso chamado de Paris, e fazia muito sucesso, esse jovem, que fazia muito sucesso, que era realidade, tornou a sua realidade, tornou mundo, se de drogas, as drogas são assim começa pela mais fácil, e quando não para e acontece que está se destruindo se matando, e cada dia que passa, fica mais incluído, e esse jovem que não consegue ficar sóbrio a droga, e um dia tiver a oportunidade de procurar para alguém que usa droga, chegue sobre essa pessoa e procure se ela, e uma pessoa viciada, com toda certeza essa pessoa vai dizer não eu não sou um viciado, e não que eu nunca tomei eu não, no mundo da ilusão, e assim a pessoa não reconhece, que está se matando, não se matando si próprio mais sim a família dele que sabe que ele usa droga, a minha vida era muito mais dramática eu era mais adeudado, no mundo das drogas, mas com uma grande espiéncia, que eu tive, que eu não sou um animal, para ficar atarefado das drogas, porque quem usa drogas tem que



Texto 3 - G.A (continuação)

Goiania, 01 de novembro de 1998

Trabalho sobre um garoto viciado em drogas.

Bom essas imagens, são exatas, são essas reações, de

quem usa droga, bom, a historia desse jovem, e muito triste, era um jovem famoso cheio de fans, e fazia muito sucesso. Esse jovem, que fazia muito sucesso que era realidade, trocou a sua realidade, por um mundo, só de ilusões, as drogas são assim começa pela mais fraca,. E quando não para, e reconhece que esta se destruindo se matando, e cada dia que passa, fica mais iludido, e esse jovem que não consegue, ficar sem a droga, si um dia tiver a oportunidade de procurar para alguém, que usa droga, chegue sobre essa pessoa e procure se ela, e uma pessoa viciada, com toda certeza essa pessoa vai dizer que eu não sou um viciado, á hora que eu quiser para eu paro, no mundo da ilusões, e assim a pessoa não reconhece, que esta se matando, não se matando si proprio mais sim, a familia dele que sabe que ele usa. droga, a minha vida, era muito mais dramática eu era mais aprofundado, no mundo das drogas, mas com uma grande experiência, que eu tive, que eu não sou um animal, para focar átras das grades, porque quem, usa, drogas, tem que roubar, para manter o vício, esse e o meu modo de pensar, aqui dentro, no só, aqui dentro como lá fora

também

Drogas só se Deus permitir

Seja inteligente

não use drogas

PARE

Diga não

Sem a droga, com certeza você vive mais

MACONHA ?

O que podemos dizer da ruptura realizada no texto de GA. ? A frase grifada “Drogas só se Deus permitir”, escrita pelo adolescente no final de seu texto mostra uma ruptura com o discurso que vinha traçando na constituição de seu texto *Trabalho sobre um garoto viciado em drogas*, que, na realidade, é uma costura da história de vida de um garoto qualquer, com a sua própria, não sendo possível identificar em que parte do texto GA. fala, especificamente, de si ou do outro.

O dado apresentado trata de um texto escrito por um adolescente já alfabetizado, ou seja, é constituído por palavras grafadas corretamente, utiliza elementos de coesão, apresenta uma certa coerência, está estruturado como um texto narrativo, e assim por diante. Entretanto, chamou-nos atenção no texto de GA como ele nos re-vela o sujeito dividido, intervalar, que se localiza na interface do discurso sobre a droga. A escrita é constantemente interrompida pelo sujeito, que se inscreve e se exala de sua escrita, mas deixa

a sua marca na frase grifada - "*Drogas só se Deus permitir*". A frase final do texto de GA. provoca um efeito retroativo à compreensão de seu texto, pois, no momento em que se tem a impressão de que o texto fala da importância de que as drogas não devem ser consumidas, o sujeito emerge marcando seu desejo.

Para Derrida (1991,p.22),“essa força de ruptura refere-se ao espaçamento que constitui o signo escrito. Esse espaçamento não é a simples negatividade de uma lacuna, mas o surgimento da marca.”

A linguagem constitui-se, então, de significantes, ou seja, de marcas que se repetem. É preciso, portanto, reconhecer a identidade de uma forma significante, que, por sua vez, só se constitui pela sua iterabilidade, pela possibilidade de ser repetida na ausência, avesso, portanto, de representação psicológica, não apenas de seu referente, mas na ausência de um significado determinado, intencional, em sua significação. Assim, podemos dizer que todo saber é da ordem da repetição e da diferença, e que a língua só se estabelece por sua diferença na repetição. Essa é a característica que marca o estruturalismo na Psicanálise.

A possibilidade estrutural de linguagem de ser cortada de seu referente ou dos significados estabelecidos e, portanto, da comunicação clara e transparente, parece fazer de toda marca, mesmo que oral, um grafema em

geral, isto é, a *restância* não-presente de uma marca diferencial cortada de sua pretensa *produção* de origem. (Derrida, 1991)

A emergência do sujeito na linguagem, confere sentido à sua escrita e este jogo garante uma teia, tecida pela linguagem e, portanto, pelo sujeito, como prática discursiva estabelecendo uma rede de significância em que significantes deslizam sob e sobre essa teia, tecido, texto. Portanto, da mesma maneira como se estabelece um ponto de estofa, a relação escapa, desliza.

Elementos metafóricos e metonímicos constituem esse jogo estrutural, possibilitando emergir efeito de sentido, ao longo da cadeia discursiva do sujeito.

Assim a frase escrita por GA no final de seu texto faz parte desse jogo estrutural trazendo à tona o que há pouco foi dito, ou seja, constitui um efeito de retroação, emergindo assim um sentido outro em seu texto.

Goiania 19 de outubro de 1998

Eu entendi que as pessoas fazem parte da massa que passa no profeta do nosso futuro, e queo ter que caminhar muito, dar muito e receber muito pouco e ter que demonstrar muita coragem ao lugar que possa parecer e que todas as engrenagem da vida ja esta sentindo quizes que toda enferrugada.

É que o povo que ficou marcado e que é o povo feliz, mas que lá fora o tempo sempre está confortável, e que a vida custa de tudo que esta normal e que os carros ouvem as noticias que os homens publicam no jornal, correndo sempre atras da madrugada que é a única notícia que chegou, que demoraram muito a beira da estrada e passaram a falar o que sabou.

O povo sempre foge da ignorância apesar que todos vivem muito, mas muito perto dela, com os sonhos dos tempos que ja se passaram, que possa passar o resto dessa vida em uma prisão esperando uma chance de ver esse mundo se acabar como a arca de Noé que todos os animais estavam felizes só que tiveram a chance de poder ir para os seus lugares de segavel que não poderiam nem voar e nem flutuar.

Texto 4 - M.A

Texto de M.A ,

Goiânia 19 de outubro de 1998

Eu entendi que as pessoas fazem parte da massa da vida que passo no projeto do nosso futuro, e duro ter que caminhar muito, dar muita é receber muito pouco e ter que demonstrar muita coragem ao lugar que possa parecer e que todas as engrenagem da vida já esta sentindo quaze que toda enferrugada.

É que o povo que fica marcado e que é o povo mais feliz, mas que lá fora o tempo sempre está confortável, e que a vigia cuida de tudo que está normal e que os carros ovém as notícias que os homem publicam no jornal, correndo sempre atrás da madrugada, que é a única velhice que chegou; que demoraram muito a beira da estrada e passaram a falar o que sobrou.

O povo sempre foge da ingnorância apesar que todos vivem muito, mas muito perto dela, com os sonhos dos tempos que já se passaram, que posso passar os resto dessa vida em uma prisão es-

perando uma chance de ver esse mundo
se acabar como a Arca de Noé que
todos os animais estavam feixados só
que tiveram a chance de poder ir
para os seus lugares de segavel que
não poderiam nem voar e nem flutuar.

O texto 4, de MA. apresenta esse jogo de encadeamentos e imprevisibilidades, em que elementos metaforonímicos se concatenam, produzindo efeito de sentido na escrita, tendo como determinante a lógica de funcionamento do inconsciente, fazendo emergir na cadeia aparentemente *pronta* da escrita, elementos latentes. No terceiro parágrafo do texto, as linhas três, quatro e cinco, o fragmento “com os sonhos dos tempos que já se passaram, que posso passar o(s) resto dessa vida em uma prisão”, provocam o que podemos chamar de quebra da estrutura, ou seja, o acontecimento na escrita.

O adolescente MA leu, momentos antes da produção de *seu* texto a letra da música de Zé Ramalho *Vida de gado*. Podemos perceber que o texto do adolescente parece *colado* ao texto da música, mas a repetição constitui-se pela diferença. Ao emergir no texto o significante *prisão*, em substituição à palavra *cela* que se encontra grafada na letra da música, ocorre o jogo

estrutural de constituição de um texto. Ora, o sujeito que parecia ausente de sua escrita no movimento de colagem à letra da música, emerge juntamente com o significante *prisão*, que permanecia na latência.

Essa concepção de escrita, da relação sujeito/escrita e, portanto, sujeito/texto, leva-nos, então, a seguir as pegadas do *interacionismo dialógico*.

Os trabalhos de Cláudia Lemos tornaram-se referência para os estudos na área de linguagem no Brasil, pois a perspectiva do *interacionismo dialógico* possibilita notar que, subjacente à indeterminação, à fragmentação da escrita bem inicial da criança, já está a presença do Outro, cujo reconhecimento pode levar a um outro modo de olhar para as produções dos alunos em processo de alfabetização. O *interacionismo dialógico* inspirado no estruturalismo lingüístico, particularmente em Saussure (1974) e Jakobson (1988), traz a concepção de que o Outro que constitui o texto do sujeito “é o funcionamento lingüístico-discursivo” (Lemos, 1992)

É importante, nesse momento, apontarmos o caminho que estamos trilhando, nas pegadas do *interacionismo dialógico*, com base nos trabalhos de Cláudia Lemos (1992) e Sônia Mota (1995). As autoras recuperam o resto abandonado pelas teorias de aquisição. O objetivo deste trabalho é também compreender o processo de aquisição da escrita; entretanto, tratamos do processo de constituição de textos escritos e colocamos em questão tanto a

possibilidade de representação da linguagem, como a de metalinguagem. Nesse sentido, utilizamos as noções de língua, signo, significante, estrutura, metáfora e metonímia, ou seja, noções do funcionamento da linguagem, para analisar o processo de constituição dos textos dos sujeitos desta pesquisa.

A filiação ao trabalho de Lemos dá-se em razão da inadequação de descrever as transformações por que passa a linguagem de sujeitos em processo de aquisição da escrita – um processo lingüístico – com base em pressupostos relativos ao domínio cognitivo e/ou comunicativo. Rejeitamos, portanto, a posição representacionista, que sustenta as teorias de alfabetização e coloca a aquisição da linguagem como fato psicológico, e adentramos a trilha da aquisição da linguagem como fato lingüístico-discursivo.

A aparente indeterminação dos textos dos adolescentes, a resistência a classificações e a uma descrição representacionista que pressupõe um sujeito na origem das representações, filia-nos aos trabalhos de Lemos e as interpretações que fazemos a respeito dos textos dos adolescentes e jovens do CIA, ao longo deste trabalho, encontram-se marcadas pelas pegadas dos trabalhos de Cláudia Lemos e também de outros autores que elaboraram o quadro teórico que sustenta essas interpretações.

A compreensão de que os enunciados do Outro são constitutivos da fala (Lier-De-Vitto, 1994) e da escrita (Mota, 1995) da criança impede que se

excluem os restos, *marcas* do sujeito no processo. Ao contrário, afirma a sua presença, não como o indivíduo da Psicologia, sujeito idealizado, mas daquele que é alienado à linguagem e, portanto, ao Outro.

Falamos, portanto, de um sujeito que emerge no entrecruzamento dos fragmentos dos discursos do Outro; nas relações estabelecidas entre os fragmentos de discursos emerge o sujeito, que só então é significado.

CAPÍTULO 3

SOBRE A PRODUÇÃO DE TEXTOS : ALGUMAS QUESTÕES

Minha atitude em relação à história é como, digamos, um vôo de Lisboa para São Paulo. Sei que eu vou, sei qual é o avião, a que horas sai, e é só. Como chego, como vai ser, se o tempo vai estar bom ou não, se o avião vai cheio, a que horas vai voltar e como vou voltar, não sei.

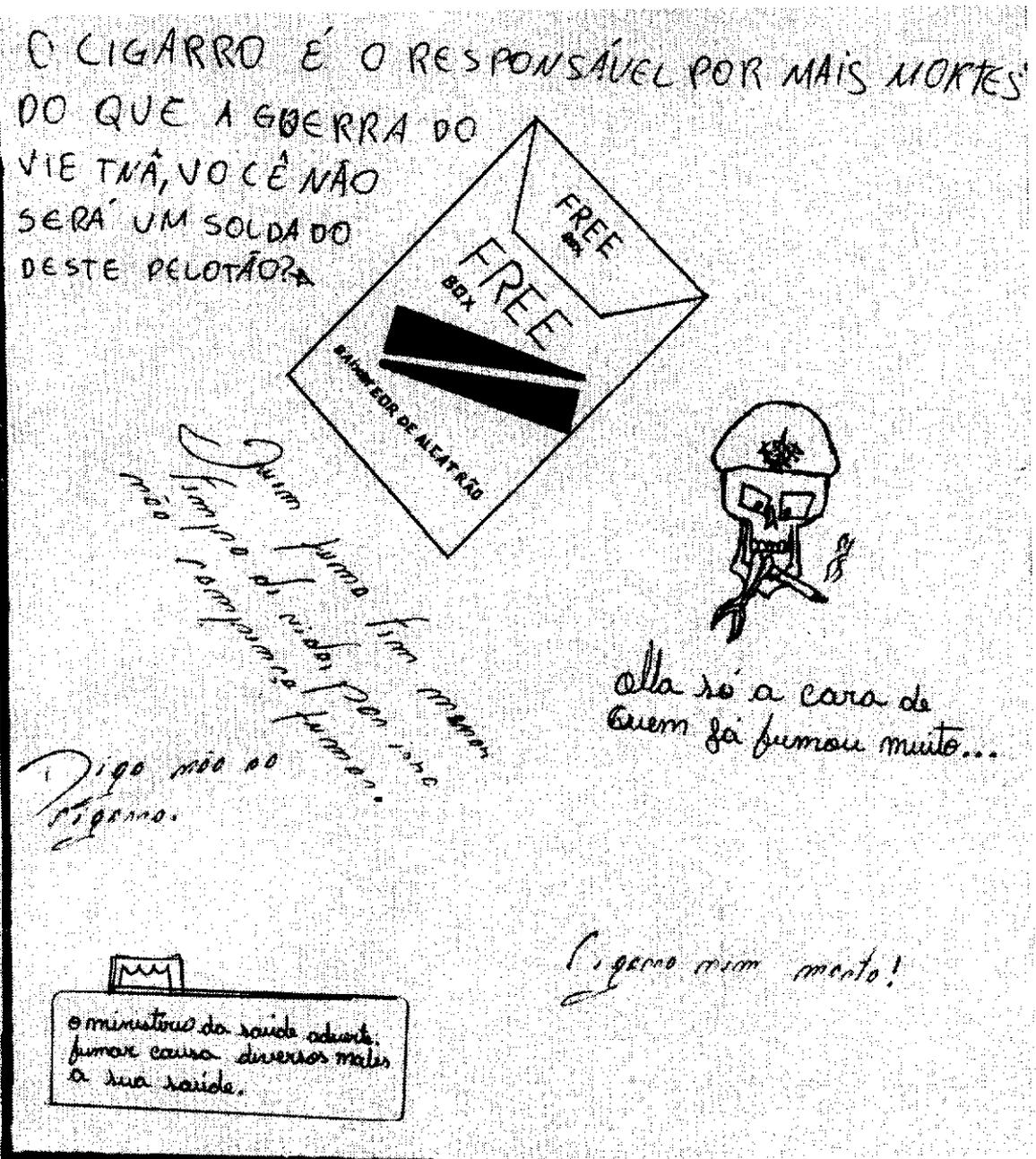
José Saramago

3.1 O texto, o significado e a comunicação: onde está o sujeito escrevente ?

A compreensão da linguagem como representação conduz ao caminho da compreensão de texto como signo, ou seja, comunicação de significados estabilizados, coerentes, coesos. Para essa concepção tudo o que foge a isto é

erro do sujeito que ainda não aprendeu/compreendeu escrever textos, decorre então a noção de linguagem como produção de significados.

Um dos sujeitos desta pesquisa (J.), convocado a fazer um cartaz de propaganda preventiva sobre o tema do projeto desenvolvido em sala de aula, escreveu o texto que se segue , texto (5):



Texto 5 – J.

De acordo com a compreensão da linguagem como representação—
Linguística Textual – a utilização da interrogação no final da frase é sinal de que o aluno não compreendeu o uso do ponto de interrogação, e portanto, não possui um saber sobre as regras gramaticais . O que, porém, a escrita de (J.)

re-vela? Esta escrita comunica o que lhe foi solicitado? De que pelotão fala J.– do pelotão que fuma, ou do pelotão da prevenção? A que ordem pertence o deslizamento que o ponto de interrogação provocou no texto de J.? O adolescente ainda não compreendeu o princípio da funcionalidade de que fala Goodman (1987)?

Na Lingüística Textual para ser interpretado e concebido como tal, o texto necessita de elementos de coesão e coerência, deve transmitir um significado unívoco, de fácil compreensão pelo seu interlocutor, de acordo com a intenção do sujeito que o produziu. Deve corporificar um determinado significado.

Deparamo-nos mais uma vez com a noção de que sujeito e linguagem devem interagir, ou seja, que esses dois elementos devem entrar em relação para que o sujeito possa apreender as estruturas da funcionalidade da escrita e possa usá-las, podendo, então, mediante a linguagem escrita, comunicar-se. Esta linguagem apresenta-se, supostamente, como transparente e confiável. De acordo com Kato e Moreira (*apud* Carvalho, 2000, p.28),

No processo de construção da linguagem escrita, a criança, além de usar a linguagem para compreender e produzir idéias, aprende a refletir sobre a linguagem como objeto. A linguagem vai-se tornando alvo do pensamento e manipulação. A capacidade de refletir sobre a linguagem é conhecida como consciência metalingüística e se dá em vários níveis : consciência fonêmica

(fonológica), consciência da palavra, consciência da forma, consciência pragmática

O texto do adolescente J. (texto 5) estaria, portanto, contrariando os princípios de uma concepção congitivista, baseada nos trabalhos de Ferreiro e Goodman, e também de uma concepção de linguagem da Lingüística Textual. O texto do adolescente, porém, indica um caminho para a compreensão do processo de produção textual, uma vez que podemos dizer, com base nos trabalhos de Lemos, que esse sujeito se encontra imerso no funcionamento da linguagem, utilizando, em sua escrita, elementos gramaticais inseridos em uma outra ordem, a ordem simbólica.

Nos parágrafos anteriores deste texto, usamos a palavra comunicação. A palavra comunicação corresponde, de acordo com Derrida (1991) a veículo, o transporte ou o lugar de passagem de um sentido único. Realizamos ao longo deste trabalho um certo deslocamento do conceito de escrita, com apoio nas teorias de Lacan e Derrida, pois a concepção de escrita considerada significativa para a interpretação dos dados desta pesquisa não contém o *ingrediente* comunicação como o principal fim do processo de escrever, ou seja, a escrita não deve comunicar um sentido único, transparente e direto, tampouco o sujeito deve escrever para comunicar um pensamento, pois não se trata de mera representação da linguagem oral nem de veículo de

comunicação de significados. Nesse sentido, a linguagem só se reduz à comunicação quando é considerada representação.

Para Derrida (1991), caso se aceite a noção de escrita em sua acepção corrente, é preciso nela perceber um meio de comunicação, pois a escrita veio ocupar o espaço que o gesto e a voz não conseguiam preencher, portanto, a escrita possibilita abrir os limites da comunicação. Nas palavras de Derrida (1991), para essa concepção de escrita,

O sentido, o conteúdo da mensagem semântica seria transmitido, comunicado, por meios diferentes, mediações tecnicamente mais poderosas, a uma distância muito maior, mas num meio essencialmente contínuo e igual a si mesmo, num elemento homogêneo através do qual a unidade, a integridade do sentido não seria essencialmente afetada. Toda afecção aqui seria acidental.

Segundo essa interpretação da noção de escrita, propagada pela Filosofia ao longo de toda a sua história, a função da escrita adquire estatuto de comunicação, ou seja, de comunicar as representações de seus pensamentos. De acordo com Derrida (1991), grifos do autor, na acepção corrente de escrita,

Se os homens escrevem, é: 1) porque têm algo para comunicar; 2) porque o que têm para comunicar é seu “pensamento”, suas “

idéias", suas representações. O pensamento representativo precede e comanda a comunicação que transporta a "**idéia**", o conteúdo significado; 3) porque os homens já estão em condições de comunicar e de se comunicar seu pensamento quando, de maneira contínua, inventam este meio de comunicação que é a escrita.

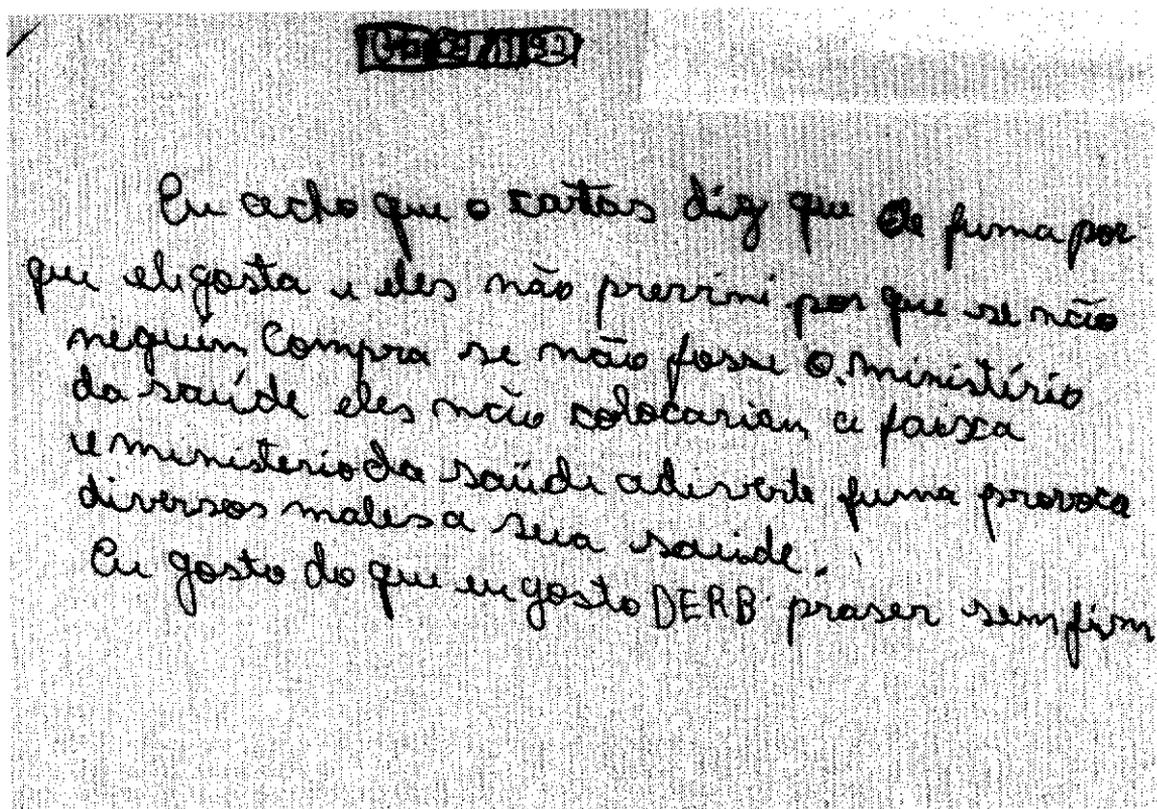
O caráter representativo da escrita, ou seja, a estrutura representativa que marca a comunicação, a relação **idéia/signo**, constitui, nesse sentido, o traço invariante de todas as concepções de escrita que têm sua base teórica enraizada na Filosofia, pois o conceito de representação, já discutido no início deste trabalho, está intrinsecamente ligado ao conceito de comunicação.

Portanto, para as teorias de alfabetização que têm suas bases teóricas na Psicologia e, conseqüentemente, na Filosofia clássica, a escrita é representação da oralidade e comunica um significado, **idéia**, ou pensamento, e essa comunicação acontece quando o sujeito toma consciência da função da linguagem e sua forma de expressão.

Essas concepções, entretanto, não satisfazem às inquietações que os textos dos adolescentes provocam. Os questionamentos que fizemos ainda há pouco a respeito do texto de J. (texto 5) acompanham essa discussão. Ao assinalarmos que uso do ponto de interrogação não indica que J. desconheça as regras de sua utilização, mostramos que o caminho das análises deste trabalho certamente não foi traçado pelas teorias que sustentam a necessidade

de inicialmente saber sobre a escrita, para só então se servir dela como meio de comunicação.

Podemos insistir um pouco mais e indagar: se a escrita é representação e comunica o pensamento, o que dizer então dos textos 6 e 7?



VERBOS

Eu acho que o autor diz que se fuma por
que ele gosta e eles não previnem por que se não
ninguém compra se não fosse o Ministério
da Saúde eles não colocariam a faixa
e o Ministério da Saúde advertir que fuma provoca
diversos males a sua saúde.
Eu gosto do que eu gosto DERB pra ser sempre

Texto 6 - F.

Texto 7 de WE escrito em 09 de novembro de 1998

O cigarro presundica a Saúde
O ministerio da Saúde de verte que O
cigarro pressundica a saúde e faiz mão
para nonça Saúde Eu não gosto de cigarro
por que faiz mão para pessoa que furma
E para que não furme pressundica mais
para queir não furma que da faulta
de ár problema no coração morte
S e le BrH e derrente duença que
pressundica nois memos a própragada
está sentinha por que não seive para
nois O cigarro que pressundica a saúde.

O que estaria comunicando a escrita dos dois adolescentes (texto 6 e 7)? De acordo com a Linguística Textual, sua escrita poderia ser considerada texto, no que se refere a seus elementos constitutivos?

A comunicação pressupõe a existência de alguém que fala, ou escreve, e de alguém que escuta, ou lê. Segundo Derrida (1991; grifos do autor),

a situação do escritor e do subscritor é, quanto ao escrito, fundamentalmente a mesma do leitor. Essa derivação essencial referente à escrita como estrutura iterativa²¹, cortada de toda responsabilidade absoluta da **consciência** como autoridade de última instância, órfã e separada desde o seu nascimento da assistência de seu pai.

A concepção de linguagem, mais precisamente, a de significante, a respeito da escrita e das condições de sua produção, leva-nos a questionar os princípios que as teorias psicológico-representacionistas e a Lingüística Textual propõem para atribuir textualidade a um texto, uma vez que a concepção de texto que essa teoria apresenta é de um todo, ou seja, de uma unidade organizada em torno de um significado, que seja possível a um interlocutor apreender seu significado e a intenção do sujeito escrevente. O que dizer então do texto 6 apresentado ainda há pouco ? Há um significado único? É possível ao interlocutor apreender o significado do texto e a intencionalidade do sujeito escrevente?

E em relação a texto 7, é possível falar em coesão e coerência? Coesão e coerência com o quê? De onde vem o fragmento “morte Se le BrH” (morte cerebral)? De acordo com Ferreiro, esse adolescente ainda se encontra no nível silábico, e começa a estabelecer a relação da grafia com a pauta

²¹ Para Derrida é preciso que a escrita seja repetível, iterável, na ausência absoluta do destinatário. Essa iterabilidade estrutura a marca da própria escrita, qualquer que seja aliás o tipo de escrita (pictográfica, hieroglífica, ideográfica, fonética, alfabética)

sonora. E ainda, sua escrita constitui representação da oralidade e o aparecimento do fragmento “Se le BrH” considerado erro ortográfico.

Com o suporte da Lingüística Textual pode-se dizer que os textos do adolescentes não apresentam elementos de coesão e coerência de acordo com as regras gramaticais, em seus aspectos sintáticos e semânticos.

Entretanto, essa não é a perspectiva de análise adotada neste trabalho, que busca evidenciar uma outra face da escrita.

3.2 A outra face da escrita: a estrutura, o sujeito e o significante

A forma como o adolescente grafa a palavra cerebral (Se le BrH) re-vela-nos a inscrição de significantes latentes que deixam sua marca no texto do adolescente. O fragmento BrH constitui-se marca gráfica utilizada para apresentar a outro adolescente o cigarro de maconha. Podemos então perguntar como esse fragmento fez cadeia com a palavra cerebral. Seria somente pelo aspecto fônico? Ou podemos indicar o caminho do atravessamento do inconsciente na cadeia *aparentemente* pronta da escrita?

O texto do adolescente trata da questão do cigarro convencional, legalizado, e de seus malefícios à saúde, mas *não fala* do cigarro de maconha. No entanto, por efeito do jogo metaforonímico, a maconha comparece no

texto mascarada na grafia “Se le BrH”. Segundo Lacan (1992, p.302) “Uma unidade significante supõe uma certa laçada enlaçada que situa seus vários elementos.”

De acordo com os trabalhos de Lacan, é possível perceber uma coerência no texto do adolescente, não a coerência da Linguística Textual, mas a do desejo do sujeito. Não concebemos a escrita como *fora*, separada do sujeito escrevente. Também não supomos um sujeito que realiza uma ação sobre a escrita para apreendê-lo, ou seja, não é do sujeito da Psicologia, autônomo e consciente, que tratamos.

Os textos analisados parecem re-velar uma outra face da escrita, aquela que permite o acontecimento na estrutura, a emergência de um sujeito intervalar, que se *situa* na interface dos discursos sobre a droga, o fumo, seus malefícios, a necessidade de prevenção e o uso, o gosto e o vício.

Os textos 8 e 9 foram escritos por dois adolescentes, após uma série de leituras envolvendo o tema das drogas, tais como: a leitura de diversos cartazes de propaganda de prevenção ao uso de drogas, cartazes de propaganda de cigarros e bebidas alcoólicas, a leitura de cartilhas explicativas sobre o mal que as drogas provocam no organismo e no convívio social, a leitura de reportagens de jornal e revistas sobre a questão da droga e histórias de jovens que se envolveram com os mais diversos tipos de drogas, dentre outras atividades.

Texto 8 - R.

Cerveja

- 1) o cartaz que fala sobre a Kaiser é uma propaganda que junta cerveja com o futebol para incentivar as pessoas a tomar a cerveja Kaiser.
- 2) Brasil na copa. Kaiser no copo
- 3) Pra você que fuma, meus parabéns. Agora pra você que não fuma, não sabe o que esta ganhando.
prevenção

Texto 9 - C.

- 1-sobre o que fala o cartaz ?
- 2-se e propaganda ou campanha de prevenção
- 3-Qual a mensagem que esta escrita no cartaz ?
- 4- se você fosse fazer um cartaz de propaganda de cigarro o que você escreveria neste cartaz ?
1 maconha
2 campanha de prevenção
3 a mensagem e que pare com a droga se não ela te mata
4 Se a vida e sua viva a vida Fume Derby Fumar provoca diversos males a sua Saude

Há uma contradição marcada nesses textos: a linguagem que se apresenta parece ser envolvida por fragmentos significantes nômades, que transitam pelos discursos em que os alunos estão inseridos, apontando, dessa forma, o que denominamos a outra face da escrita, ou seja, a relação sujeito e linguagem, que coloca em discussão a concepção psicológica de sujeito, a noção de texto e suas condições de produção. Não se trata de um sujeito que pensa sobre a escrita e que controla as suas condições de produção, mas de um sujeito constituído pela linguagem, que deixa rastros em seu texto, revelando uma relação sujeito e linguagem, que obedece às leis de funcionamento da linguagem, e cuja produção considera as manifestações inconscientes do sujeito. Portanto, nesse processo não pode prever o quê e de que forma um texto pode desencadear outro.

Tomemos o texto 9 para explicitarmos algumas questões. A primeira parte de seu texto, onde estão escritas algumas questões orientadoras da atividade proposta, é a mesma que desencadeou a escrita de R.(texto 8), de G. (texto 1), de WE (texto 7), de F (texto 6). e também de W (texto 2)., porém, se tomamos o texto de C. já na quarta questão podemos perceber a emergência do sujeito intervalar na escrita, pois a atividade solicitava a elaboração de um cartaz preventivo ao uso do cigarro, e não de propaganda de cigarro como escreve C. A atividade foi passada no quadro para orientar a elaboração do cartaz.

Podemos levantar também uma outra questão relativa a esses textos, discutindo com o referencial teórico que adotamos. A solicitação para a realização da atividade foi a mesma para os seis adolescentes, R., G., WE., F., W, e C. , no entanto, cada qual escreveu o seu texto obedecendo a determinações diferenciadas.

Para Lacan (1992,p.135) a linguagem

funciona inteiramente na ambigüidade e a maior parte do tempo vocês não sabem absolutamente nada do que estão dizendo. Na nossa interlocução mais corrente, a linguagem tem um valor puramente fictício, vocês atribuem ao outro o sentimento que estão sempre entendendo, isto é, de que são sempre capazes de dar a resposta que se espera, e que não tem nenhuma ligação com qualquer coisa que seja possível de ser aprofundada. Os nove décimos dos discursos efetivamente realizados são completamente fictícios.

Os textos dos adolescentes obedecem a uma estruturação de outra ordem, ou seja, à ordem do funcionamento da linguagem, aceitando o desconforto de não se ajeitar nas evidências, de conviver com a contradição no entrelaçamento dos discursos (significantes) em um jogo estruturante de constituição do texto.

No entanto, o sujeito não escreve qualquer coisa, nem de qualquer forma. Ele se ajeita nas leis de funcionamento da linguagem que na perspectiva lacaniana, obedece à determinações também inconscientes.

Para a compreensão deste jogo estrutural, ou seja, da *nova* estrutura significada pela ruptura, pela emergência de significantes latentes, foram indispensáveis os conceitos de inconsciente, de imprevisibilidade dos significantes e de sujeito.

Lacan apresenta uma descrição mítica, e ele a concebeu como entrada do sujeito na ordem simbólica, do Outro, ou seja, da linguagem: “A função simbólica intervém em todos os momentos e em todos os níveis da existência”. A entrada do sujeito no universo simbólico, lugar do qual ele nunca saiu, dá-se por um processo no qual os significantes provenientes do campo do Outro, o capturem e o selem.

De que sujeito estamos falando? Falamos do sujeito do inconsciente como evanescente efeito de linguagem, de um sujeito é-feito da língua, de um sujeito que não se encontra totalmente no controle de sua escrita.

Clarice Lispector, em *Água viva*, fala-nos deste sujeito evanescente da escrita:

Quem me acompanha que me acompanhe : a caminhada é longa, é sofrida mas é vivida. Porque agora te fala a sério : não estou brincando com palavras. Encarno-me nas frases voluptuosas e

ininteligíveis que se enovelam para além das palavras. E um silêncio se evola sutil de entrechoque das frases.

Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca : a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não-palavra _a entrelinha_ morde a isca, alguma coisa se escreveu. Uma vez que se pescou a entrelinha, poder-se-ia com alívio jogar a palavra fora. Mas aí cessa a analogia: a não-palavra, ao morder a isca, incorporou-a. O que salva então é escrever distraidamente.

Não quero ter a terrível limitação de quem vive apenas do que é possível fazer sentido. Eu não : quero é uma verdade inventada.

O que te direi ? te direi os instantes”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos, neste momento, a um ponto em que temos que tecer algumas considerações finais a respeito da discussão que elaboramos ao longo desta dissertação. É verdade que não se trata de uma tarefa fácil, tampouco iremos pôr fim às discussões aqui propostas. Ao contrário apontamos a necessidade de continuidade ao estudo, aprofundando ainda mais as questões relativas à compreensão do que é escrita.

Também, não podemos responder totalmente às questões apresentadas ao longo do texto, embora reconheçamos que demos uns bons passos no caminho da compreensão do processo de escrita guiada por essas questões.

Este trabalho, propõe-se a refletir sobre o processo de constituição de textos de adolescentes e jovens em fase de aquisição da escrita na perspectiva do *interacionismo dialógico*.

Para tanto, deslocamos essa discussão do lugar cristalizado em que se encontrava, ou seja, do campo da Psicologia Cognitivista, e portanto concebida como da ordem da construção de representações, passando a compreender o processo de produção de textos como um movimento contínuo de ordem estrutural.

Realizamos esse propósito fazendo o percurso pelas teorias que imprimiram, no campo da ciência, as noções fundamentais para essas análises, seja para tomá-las como categoria de análise, seja para tecer críticas e, portanto, marcar as divergências teóricas com o referencial adotado.

O movimento de caminhar pelas teorias é de grande importância para qualquer pesquisador que trate com seriedade o objeto pesquisado. Nesse sentido, as noções elaboradas pelos campos teóricos que trilhamos são constitutivas dessas discussões. Se negássemos isso, estaríamos negando o próprio referencial adotado e que discute que o discurso do sujeito é constituído pelo discurso do Outro.

Lembramos, neste momento, essas questões para realçar um compromisso que durante o percurso de escrita desta dissertação foi exigido, isto é, compreender o texto dos adolescentes e jovens do CIA, para então poder abordar um processo de constituição de escrita, não somente como textos apresentados neste trabalho, mas de um processo que adquire característica de universalidade. É certo que essa universalidade não pode ser confundida com homogeneidade, pois a singularidade impressa em cada texto é única. Ninguém escreve igual a ninguém _ as rupturas, as contradições, as lacunas que aparecem nos textos são próprias de cada sujeito.

Assim, podemos dizer, que os textos apresentados re-velaram-nos um sujeito produtor de textos, que não se encontrava no controle de sua

escrita. Em outras palavras, os textos não são mero efeito de superfície de suas consciências.

Como consideramos ao longo deste trabalho, a interpretação representacionista da alfabetização, seja ela da criança, do adolescente ou do adulto, apóia-se na substancialização do sujeito e do objeto, ou seja, não reconhece a incompletude, nem do lado do sujeito, nem do lado da linguagem.

Fizemos a tentativa de apontar, com este trabalho, justamente essa incompletude, tanto do sujeito como da linguagem. Uma vez que concebemos a linguagem como constitutiva do sujeito.

O reconhecimento da natureza linguística do processo de aquisição de linguagem levou Cláudia Lemos (1992,p.132) a descrevê-lo como efeito da “atividade da linguagem sobre a própria linguagem”. Filiada a essa posição, o desafio que enfrentamos foi reconhecer que os textos produzidos pelos adolescentes e jovens do CIA constituem-se pelo movimento da “linguagem sobre a própria linguagem” e por isso, negamos a possibilidade de vê-los como produto de uma intenção organizadora, ou seja, de um sujeito que *controle* sua escrita.

É possível rastrear, ao longo dos textos apresentados, a interferência, a insistência dos significantes que comparecem nos textos dos adolescentes. Desses significantes parece-nos ser possível dizer que são suas

marcas, seus desejos, que se enlaçam no discurso sobre a droga, sobre a sua prevenção e seus malefícios. Há um deslizamento incessante do significado sob o significante, e, essa relação possibilita o efeito de sentido.

Entretanto, é importante considerar que as análises realizadas neste trabalho tiveram como baliza a noção de estrutura significante e a de inconsciente que ela supõe. Reconhecemos o nosso limite de interpretação dos textos, pois a atuação do *significante* supõe a temporalidade *lógica* de que fala Freud, o que explica que suas formulações _ sujeitas a um jogo de um tempo descontínuo_ não sejam facilmente interpretáveis.

Logo, neste trabalho realizamos um esforço para compreender os textos dos adolescentes e jovens, reconhecendo que está em jogo um processo comandado pelas leis do significante, de um encontro pelo texto, do movimento da escrita so(bre) a escrita.

Entendemos, portanto, a necessidade que se faz presente no campo da educação de adentrar os caminhos relativos à questão da escrita, pois assistimos cotidianamente, nas escolas, a superficialidade com que são tratados os assuntos relativos à alfabetização e quanto a escrita *demora* a ser reconhecida como tal. Falando da escrita, também falamos do que é considerado texto. Quantas e quantas letras os alunos não traçam sobre o papel para que um dia sejam reconhecidas como texto.

Gostaríamos de pôr um ponto final com a fala de G. logo após ter escrito o texto que analisamos neste trabalho, quando lhe perguntamos se já o havia terminado, respondeu : “texto não professora. Eu não sei escrever texto. Todas as professoras que eu já tive me disseram que eu não sei escrever texto. Tem aí um tanto de palavras no papel. Tá ligada ?”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1996.

CALIL, Eduardo. *Autoria – (E) Feito de relações in-conclusas (um estudo de práticas de textualização na escola)*. 1995. Tese (Doutorado) – IEL (Instituto de estudos linguísticos), UNICAMP (Universidade de Campinas), São Paulo

DELACAMPAGNE, Christian. *História da filosofia no século XX*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1997.

DELEUZE, Gilles. *Em que se pode reconhecer o estruturalismo?* In: CHÂTELET, Francois. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1974.

DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. São Paulo : Perspectiva, Ed. da Universidade de São Paulo; 1995.

_____. *A farmácia de Platão*. (La Pharmacie de Platon, 1972). São Paulo: Iluminuras, 1991.

_____. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, Ed. da Universidade de São Paulo, 1973.

_____. *Assinatura, acontecimento, contexto*. Campinas : Papyrus, 1991.

DOSSE, François. *História do estruturalismo*. São Paulo: Ed. Ensaio, 1993.

DOR, Joel. *Introdução à leitura de Lacan: O inconsciente estruturado como linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FARIA, Núbia B. *Nas letras das canções, a relação oralidade-escrita*. 1997. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió.

FERREIRO, Emília. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

_____. *A produção da notação na criança: linguagem, número, ritmos e melodias*. São Paulo: Cortez, 1990.

_____. *Língua oral e língua escrita :aspectos da aquisição da representação da linguagem. In: Congresso internacional da associação de lingüística e filosofia da América Latina, 9.,1990.*

_____. *Com todas as letras. São Paulo: Cortez, 1992.*

FONSECA, Suzana Carielo. *Afasia: a fala em sofrimento. 1995. Dissertação (Mestrado) Pontificia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.*

FREUD, Sigmund. *Interpretação das afasias. Lisboa: Persona,1977a.*

_____. *O projeto. Publicações pré-psicanalísticas e esboços inéditos. Rio de Janeiro: Imago, 1977b, v.1*

_____. *Carta 52. Publicações pré-psicanalísticas e esboços inéditos. Rio de Janeiro: Imago,1977c,v.1.*

_____. *Interpretação dos sonhos. Rio de Janeiro: Imago,1987 a, v.4*

_____. *Interpretação dos sonhos. Rio de Janeiro: Imago,1987b, v.6*

_____. *O bloco mágico. O ego e o id uma neurose demoníaca do século XVII e outros trabalhos.* Rio de Janeiro: Imago, 1987 c., v.19.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*, 4.ed., São Paulo: Martins Fontes, 1987.

GALLO, Solange L. *Discurso da escrita ensino*, 2. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1995.

GARCIA-ROZA, Luis Alfredo. *Freud e o inconsciente.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

_____. *Introdução à metapsicologia freudiana. Sobre as afasias. O projeto de 1895.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991a.

_____. *Interpretação dos sonhos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991b.

_____. *Artigos de metapsicologia. Narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo: Martins Fontes,1994.

GOODMAN, Y. *O desenvolvimento da escrita em crianças muito pequenas*. In: FERREIRO e PALÁCIO. Os processos de leitura e escrita; novas perspectivas. Porto Alegre: Artes Médicas.

GUIRADO, Marlene. *Psicanálise e análise do discurso: matrizes institucionais do sujeito psíquico*. São Paulo: Summus,1995.

HALLIDAY, M. K. *As bases funcionais da linguagem*. In: DASCAL, Marcelo (org.) *Fundamentos metodológicos da lingüística . Concepções gerais da teoria lingüística*. São Paulo: Global,1978.

_____. ; HASAN, R. *Cohesion in english*. New York: Longman,1984.

_____. ; e MACINTOSH, Angus; STREVENS, Peter. *As ciências lingüísticas e o ensino de língua*. Petrópolis: Vozes,1974.

JAKOBSON, Roman. *Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasias*. In : *Lingüística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix,1988.

LACAN, Jacques. *A relação de objeto e as estruturas freudianas*. Associação Psicanalítica de Porto Alegre, 1992.

_____. *Escritos*. (Écrits, 1966). São Paulo: Perspectiva, 1996.

_____. *O seminário 3 : as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

_____. *O seminário 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995 a.

_____. *O seminário 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995b.

_____. *O seminário 11: os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995c.

LEMOS, Cláudia T.G. de . *Sobre a aquisição da linguagem e seu dilema (pecado) original*. Boletim da Abalin. 3 ed. Recife: Ed. da Universidade Estadual de Pernambuco, 1992.

_____. *Interacionismo e aquisição da linguagem. Revista DELTA*, São Paulo: PUC-SP, 1986.

_____. *A sintaxe no espelho. Caderno de Estudos Lingüísticos*, Campinas, IEL – UNICAMP, 1986.

_____. *Os processos metafóricos e metonímicos como mecanismo de mudança. Substratum. Porto Alegre*, 1992.

_____. *Língua e discurso na aquisição da linguagem. In: Encontro nacional de aquisição de linguagem.3. Porto Alegre*, 1994.

_____. *Da morte de Saussure o que se comemora? Campinas: UNICAMP*, 1995.

_____. *Processos metafóricos e metonímicos: seu estatuto descritivo e explicativo na aquisição da língua materna. Campinas: UNICAMP*, 1997a.

_____. *Processo metafóricos e metonímicos como mecanismo de câmbio. Substratum. Porto Alegre*, 1997b.

LEMOS, Maria Teresa G. *Sobre o que faz texto: uma leitura de "Cohesion in English"*. Revista DELTA, São Paulo, 1992.

LEITE, Nina Virgínia de A. *Psicanálise e análise do discurso : o acontecimento na estrutura*. Rio de Janeiro: Campo matêmico,1994.

LIER-DE-VITTO, Maria Francisca de A.F. *Os monólogos da criança : "Delírios da Língua"*. Tese (Doutorado),Universidade de Campinas, Campinas.

MILLER, Jacques-Alain . *Matemas I*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar,1996.

MILNER, Jean-Claude. *O amor da língua*. Porto Alegre: Artes Médicas,1987.

MOTA, Sonia Borges V. da. *O quebra-cabeça – a instância da letra na aquisição – da escrita*. 1995.Tese (Doutorado),Pontificia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

NAGAMINE, Regina. *Produção de textos em uma situação clínica: novas possibilidades de sentido*.1995. Dissertação (Mestrado), Pontificia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

NOVAES, Mariluci . *Os dizeres nas esquizofrenias: uma cartola sem fundo*. 1995. Tese (Doutorado). Universidade de Campinas, Campinas.

OGILVIE, Bertrand . *Lacan A formação do conceito de sujeito*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

ORLANDI, Eni P. (org.) *Gestos de leitura: da história no discurso*. Campinas: Ed.da UNICAMP,1994.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso*. Campinas: Ed. da UNICAMP,1988.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes,1990.

PIAGET, Jean. *O estruturalismo*. Difel – Difusa Editorial S.A, 1979.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*, 6.ed. São Paulo: Cultrix,1974.

ZIZEC, Slavoj . *O mais sublime dos histéricos: Hegel com Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.